

ApELO

Vitor T.P. Martins

Uma história em quadrinhos sobre precarização
do trabalho e discussões sobre gênero
e sexualidade em tempos de pandemia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do título
de Bacharel em Design.



Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design

Vitor Teixeira Pedroza Martins

ApELO

Uma história em quadrinhos sobre precarização
do trabalho e discussões sobre gênero
e sexualidade em tempos de pandemia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do título
de Bacharel em Design.

Orientação: Prof. Dr. Leandro Velloso

São Paulo, 2022

Resumo

O trabalho em questão pretende projetar uma história em quadrinhos em que se discute a intersecção entre o trabalho informal de entregadores de aplicativos com a homofobia, tendo como elo as relações humanas construídas a partir da interface digital. Seu contexto se insere em São Paulo no recorte temporal do início do ano de 2020, com a chegada da pandemia. Neste documento, estão contidas todas as etapas de desenvolvimento do projeto, desde o início do processo metodológico a um estilo final, passando pela criação do storyline, do argumento, de esboços e, por fim, a descrição detalhada da história em quadrinhos.

Palavras-chave: quadrinhos, motoboy, LGBTQIA +, uberização.

Abstract

The project at hand intends to design a comic book where the intersection between the informal work of app couriers and homophobia is discussed, having as a link the human relationships bounded by the digital interface. The context is sited in São Paulo, aged in early 2020, with the Covid-19 pandemic breakout. This document contains all the levels of the project development, from the beginning of the methodological process until the final style of the comic, passing through the creation of the storyline, the argument, the drawing and lastly, a detailed description of the comic book.

Keywords: Comics, couriers, LGBTQIA +, sharing economy.

Sumário

Resumo 4

Abstract 5

Sumário 6

Lista de imagens 7

Introdução 8

Motivação 9

Individual 9

Experimental 10

Justificativa 12

Contexto 14

A uberização 14

Contexto nacional 15

Pandemia 17

Questão LGBTQIA+ 20

Lazer popular 21

Relações Humanas 22

Objetivos 23

Métodos 25

Técnicas e Ferramentas 29

Entrevistas 29

Referências Visuais 33

Esboços 41

Teoria de Myers-Briggs 44

Processos 46

Storyline 47

Personagens 49

Protagonistas 50

Samuel 50

Bruno 57

Antagonista 63

Borges 63

Personagem Secundária 69

Carla 69

Zipó 70

Alissom 71

Argumento 72

Sequências esboçadas 76

Resultados 78

Estilo 80

Tipografia 81

Cores 83

Diagramação 87

Descrição das páginas 91

Capítulo 1: Apelo 92

Capítulo 2: Mundo das Motos 100

Capítulo 3: Violência e Desgaste 108

Capítulo 4: O grau 118

Capítulo 5: Breque dos Aplicativos 126

Capítulo 6: Encruzilhada 134

Desfecho 138

Bibliografia 142

Lista de Imagens

Figura 1: mapas sobre mortes (em 2020), distribuição de antenas de internet (em 2020) e de taxa de oferta de emprego formal (em 2018), na cidade de São Paulo.

Figura 2: referência do quadrinho Scott Pilgrim de Bryan Lee O'Malley

Figura 3: estudo sobre a linguagem de Bryan Lee O'Malley

Figura 4: referência do quadrinho This One Summer de Jillian Tamaki

Figura 5: referência de diagramação na obra This One Summer de Jillian Tamaki

Figura 6: estudo sobre a linguagem de Jillian Tamaki

Figura 7: exemplo de linguagem visual da quadrinista Julie Maroh do quadrinho *Le bleu est une couleur chaude*

Figura 8: exemplo de linguagem visual do quadrinista Marcelo D'Saete do quadrinho *Angola Janga*

Figura 9: exemplo de linguagem visual do ilustrador André Terayama

Figura 10: exemplo de linguagem visual do quadrinista Joe Sacco do quadrinho *Palestina na Faixa de Gaza*

Figura 11: criação de primeiros quadros com contexto dos personagens

Figura 12: esboço para ambientar a rua General Osório

Figura 13: esboço de quadros com dimensões idênticas

Figura 14: Samuel utilizando roupa do time de futebol

Figura 15: Samuel vestindo roupas de motoboy

Figura 16: Samuel utilizando um traje para o calor, remetendo ao funk

Figura 17: Samuel em estilo festivo

Figura 18: personalidade animadora

Figura 19: Bruno em traje casual

Figura 20: Bruno com blusa de moletom e capacete do Batman

Figura 21: Bruno em traje de skatista

Figura 22: Bruno com roupa festiva

Figura 23: personalidade advogado

Figura 24: modelo de moto CG Titan da marca Honda

Figura 25: Borges com camiseta de caveira

Figura 26: Borges com roupa usada no trabalho

Figura 27: Borges equipado para conduzir uma motocicleta

Figura 28: Borges usando traje “motoqueiro bolsonarista”

Figura 29: arcano maior número XVI, a Torre

Figura 30: personalidade comandante

Figura 31: exemplificação do modelo de moto Fat Boy da marca Harley Davidson

Figura 32: ilustração da personagem Carla

Figura 33: esboço de sequência em que introduz Zipo

Figura 34: ilustrações do personagem Alissom

Figura 35: esboços de cenas em que os protagonistas se encontram

Figura 36: definição da linguagem visual em duas páginas piloto

Figura 37: texturas de pincéis utilizados

Figura 38: estudo de aplicação de tipografias

Figura 39: exemplo de uso de *lettering*

Figura 40: aplicação de cor

Figura 41: ilustrações de cenários paulistanos

Figura 42: *flashback* para militância LGBTQIA+

Figura 43: abraço entre Bruno e Samuel

Figura 44: momento de violência física contra Samuel

Figura 45: retirada de flores no Largo do Arouche

Figura 46: estudo de diagramações de páginas

Figura 47: recorte de quadro de McCloud (2008)

Figura 48: exemplo de intercalamento de dimensões de quadros

Figura 49: ilustração de racha

Figura 50: ilustração de grau

Figura 51: faixa obtida em vídeo sobre baile funk ilegal

Figura 52: imagem de Paulo Galo Lima fazendo chamado à movimentação “Breque dos Aplicativos”

Introdução

O título “Apelo” foi pensado na composição entre duas palavras: app (que em inglês significa aplicativo) e elo, ou seja, retrata a forma como os personagens se conhecem. Segundo o dicionário Michaelis (2021), o verbo apelar pode significar tanto “pedir auxílio para alguma necessidade; invocar, recorrer, tornar”, como “usar de recurso ou subterfúgio baixo e antiético para resolver uma situação difícil ou para obter alguma vantagem”. Tal nome pode traduzir a relação de amor e ódio entre as personagens, evidenciando, por um lado, a conexão entre dois rapazes, que acontece de forma natural e por acaso; e, por outro lado, a tensão e o ódio do antagonista perante a esta relação.

Motivação

Individual

Levando em conta o âmbito pessoal, posso dizer que a ilustração sempre foi para mim uma base de expressão, com a finalidade de representar uma ideia, conceito, sentimento ou sensação. Desde a fase infantil ou da adolescência, eu usava a abstração e formas que tangiam o concreto para lidar com minhas questões e problemas, brincando com traçados, preenchimento, texturas, linhas, pontos e etc. O que, muitas vezes, poderia se mostrar como uma necessidade do dizer complementar ao desenvolvimento textual coeso e coerente. Conforme minha construção de indivíduo foi se solidificando, pude perceber que a produção da escrita nunca chegou a ser uma ferramenta totalmente completa no meu autoentendimento, a qual nunca tive o empenho de conectar com o meu fazer visual.

Ao ingressar na faculdade, passei a aprimorar minha ilustração em termos de figuração, à medida em que tive contato com diversas disciplinas e com o exercício de trocar conhecimentos dessa esfera com amigos e colegas. E, ao final de toda a graduação, depois de me perder e de me encontrar pelas diversas experiências de projetos e momentos que a universidade me proporcionou, percebo que consegui alinhar a abstração, a figuração e a composição textual em só um meio: as histórias em quadrinhos. Ou seja, se eu voltar lá atrás, há 15 ou 20 anos, posso ver que as brincadeiras de criança de imaginar histórias, criar mundos fantásticos e ter super-poderes, agora têm a capacidade de serem quadrinhos, porém com temáticas que

me interessam hoje, com todo o meu contexto atual e com a bagagem que a vida me proporcionou.

Em relação à temática a ser abordada, posso dizer que a elaboração deste projeto teve a premissa de me apoiar em organizar uma série de pensamentos e ideias que vinham, ao decorrer da pandemia, em minha mente. Pautas político-sociais foram elencadas para que eu pudesse criar argumentos contra posicionamentos do governo federal após a eleição presidencial de 2018, quando a extrema-direita chegou ao poder no Brasil. Logo, pretendi abordar a homofobia, pois faço parte da comunidade LGBTQIA+ (composta por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transsexuais, travestis, *queers*, intersexuais, assexuais, entre outros), sendo eu um homem homossexual, ou gay, e percebi que seria um momento ideal de me posicionar perante a esse ambiente hostil e conservador que se sobressaiu na sociedade brasileira; e a problemática dos entregadores de aplicativos, porque consegui sentir o aumento expressivo desta profissão informal em meu dia-a-dia pandêmico, o que me despertou interesse e curiosidade.

Experimental

Vejo este projeto como uma volta à disciplina AUP 2310 - Projeto Visual V - Design em Movimento, na qual tive acesso a outras maneiras de expressão de design em simbiose com estudos e processos audiovisuais. Acredito que fazer uma história em quadrinhos me possibilita a experimentação da linguagem em questão pela primeira vez, e conseqüentemente, explorar formas visuais e textuais de se compor uma narrativa.

Além disso, percebo que cada vez mais existem produções de “zines”, *graphic novels*, cartuns e charges que retratam o contexto sócio-político-cultural do Brasil atual com cada vez mais visibilidade ao grande público. Portanto, ao me deparar com um mercado aquecido desta categoria literária em âmbito nacional, inspirei-me a fazer algo por conta própria. Em outras palavras, vejo que este gênero pode ser um meio adequado a expor minhas ideias e percepções sobre temas sociais e políticos atuais com a perspectiva local. E, por fim, creio que há a possibilidade de que a concretização deste trabalho possa suscitar debates quando publicado.

Justificativa

No que se refere ao âmbito do trabalho informal dos motoboys, acredito que existe ainda pouco espaço de visibilidade e discussão na sociedade sobre tal assunto, pois ao buscar os meus primeiros materiais de pesquisa, observei que os principais veículos midiáticos não abordavam tal tema ou o faziam com importância secundária. Também posso relatar que até o momento em que iniciei as ilustrações de cenas da minha história em quadrinhos, não me deparei com nenhuma ficção que pudesse retratar a vida dos motoboys. O que acabei por encontrar foi uma crônica chamada Delivery de João Paulo Vasconcelos em Breda e Dantas (2020, p.37, 42) que conseguiu elencar algumas das problemáticas desta profissão. Em termos de referências teóricas, percebi que ainda não existia uma bibliografia tão extensa sobre a “uberização brasileira”, principalmente relacionada ao contexto de pandemia. Portanto, posso dizer que uma premissa notável do meu trabalho é a captação de informações que ocorreram durante a pandemia, por meio da vivência de quarentena, de observação do uso dos espaços públicos da cidade e por pesquisas teóricas e imagéticas sobre este recorte temporal do “Breque dos Aplicativos” em 2020.

Em natureza de distinção, também posso dizer que conceitualmente lograr entrelaçar temas como homofobia, precarização do trabalho de motoboys e pandemia é desafio, uma vez que naturalmente estas esferas não se interdependem. Tal combinação se faz presente por conta do contexto, da delimitação de tempo e espaço, o que se traduz como uma relevância a estudos sociais ligados à atualidade.

Outro ponto a ser focado é nas características memorial e documental do meu projeto, ao representar uma época de muita relevância histórica. Centrei-me em capturar expressões visuais de meu contexto paulistano mediante ao período de 2020, onde o cotidiano, a pandemia e a esfera político-social se misturaram. Exemplificando, tive a premissa de registrar: o uso de máscaras confeccionadas caseiramente; a utilização frequente de álcool em gel; a presença diária de gráficos e números sobre a evolução de casos de covid-19 da pandemia em meios virtuais; a incorporação das cores da bandeira nacional em faixas, bandeiras, camisetas e adereços relacionados ao bolsonarismo; a interface digital de aplicativos de relacionamento ou de serviço de entregas; fachadas e letreiros de lojas de comércio popular; o pixo e a arte urbana paulistana; a expressão imagética do baile funk; cartazes informativos; a configuração de símbolos voltada ao evento do “Breque dos Aplicativos”, presentes nas *bags* e vestimentas dos motoboys, em cartazes; entre outros.

Contexto

Creio que meu projeto tem como finalidade discutir temas sociais contemporâneos à sua produção como a precarização de trabalho, a homofobia, questões de gênero e sexualidade, a pandemia da covid-19, entre outros e configura-se como um registro verbo-visual de um momento histórico que se passa na cidade de São Paulo, no início do ano de 2020.

A uberização

Início este trabalho voltando à década de 2010, quando ocorreu o fenômeno chamado “Economia de Compartilhamento”, ou fenômeno em que o sistema econômico mundial pôde reorganizar seus fundamentos a partir da internet e da Indústria 4.0. Isto é, novas tecnologias de informação e comunicação, como os *smartphones*, revolucionaram o modo de produção e de consumo e, como consequência, algumas empresas reconfiguraram alguns tipos de serviço através do uso de aplicativos. Assim, a filosofia que essas empresas promoviam era o solucionismo: o pensamento de que a inovação poderia fornecer soluções para problemas sociais difíceis, vendida através de discursos como o empoderamento, conexões de pessoa-a-pessoa, e sustentabilidade, segundo Slee (2017). E, também, prometiam “ajudar prioritariamente indivíduos vulneráveis a tomar controle de suas vidas tornando-os microempresários” (Slee, 2017). Porém, o que se verificou foi um alienado processo de monetarização e precarização de serviços sob a imagem de conexão interpessoal. Ou seja, o compartilhamento de experiências humanas não se

sustentou, ao passo que lucro se tornou prioridade.

Levando isso em consideração, destaco a trajetória da empresa Uber. Sua esfera de atuação é voltada a dar carona a quem necessite, vinculando, portanto, o dono do carro ao passageiro. Na situação ideal, estes dois sujeitos teriam seus destinos finais próximos um do outro, o que geraria uma motivação em comum. Contudo, o que sucede é que não há possibilidade de se conectar sempre duas ou mais pessoas que tenham o mesmo rumo. Por isso, a alternativa que se solidificou foi a bonificação por gorjeta aos condutores que saíssem de suas rotas usuais para atender as demandas de quem contratasse o serviço. Assim, a esfera de solidariedade entre o motorista e o passageiro se perverteu e um mero condutor, ao reparar que poderia ganhar um dinheiro extra, transformou-se em trabalhador informal, segundo Slee (2017). O que ocorre é o fato de que muitos motoristas que tinham baixa renda ou que estavam desempregados começaram a se filiar a tal empresa para ganhar dinheiro por conta própria, sendo “seus próprios empresários”. Todavia, conforme tal atividade foi se normalizando, estes motoristas não conquistaram direitos básicos como os de taxistas, não tendo garantia a férias ou a indenizações devido a acidentes, por exemplo. Isto porque, a empresa apenas definia sua atividade como intermediadora do serviço e não se responsabilizava por problemas com terceiros.

A uberização em contexto nacional

Tal negócio, então, cresceu e se alastrou pelo mundo inteiro, moldando novas regras laborais por onde passou. E, no Brasil, não ocorreu diferente, pois o processo denominado como “uberização” acabou por redefinir as novas regras do trabalho

informal no ano de 2017, em um contexto pós-impeachment, em que o presidente interino Michel Temer autorizou a Reforma Trabalhista. O resultado disso, em um delimitado tempo de três anos, em conjunto com a incidência da pandemia, foi o aumento expressivo da informalidade de atividades comerciais, chegando a 40 milhões de pessoas sem proteções laborais em 2020 (IBGE, 2020 apud Agência Brasil, 2020).

Assim como os condutores dos automóveis, os entregadores via motocicleta e bicicleta também foram afetados por esta onda e seus maiores problemas estiveram totalmente ligados à informalidade. Segundo Antunes (2020), suas maiores lutas estão relacionadas a baixos salários; longas jornadas (superiores a 10, 12 ou mais horas por dia, contando com o trabalho em finais de semana e feriados); assédio moral; demissões sem qualquer justificativa; custos de manutenção de veículos, motos, bicicletas, celulares, etc. E, ao entrevistar tal categoria, pude notar que outras pautas se somaram a estas depois do contexto das manifestações denominadas “Breque dos Apps” em 2020, em que se reivindicou uma melhoria nas taxas de entrega, uma busca por vale alimentação, por uma algum tipo de indenização no caso de acidentes e acesso a máscaras descartáveis e álcool em gel em contexto pandêmico.

Para exemplificar o aumento do número de entregadores durante a pandemia, no período de aproximadamente um ano, março de 2020 a fevereiro de 2021, o Sindicato dos Mensageiros Motociclistas, Ciclistas e Moto-Taxistas do Estado de São Paulo (SindimotoSP), computou um aumento aproximado de 72% de motoboys nas ruas da capital paulista, o que pode também representar um efeito dessa elevação da

informalidade do trabalho brasileiro. Os números variaram de 220 mil para mais de 305 mil e, desse total, a presença feminina variou entre 1 a 3 % (SindimotoSP, 2021 apud G1, 2021).

Por fim, com o objetivo de traçar o perfil do entregador paulistano, faço referência aos pesquisadores Rodrigo Bombonati de Souza Moraes, Marco Antonio Gonsales de Oliveira e André Accorsi que puderam depreender em um estudo com a amostragem de cem entrevistados que havia:

a faixa etária entre os 26 e 45 anos (69%); escolaridade oscilando entre o ensino médio e superior completo (90%), [...] jornada diária de trabalho entre seis e mais de oito horas (77%); dirigindo de cinco a sete dias por semana (73%), remuneração bruta inferior a 2 mil reais por semana (90%), tendo no aplicativo sua fonte única de remuneração (57%) (em Antunes, 2020).

Pandemia

Em primeiro lugar, gostaria de focar a pandemia em escala local, a fim de esmiuçar um pouco o cenário da cidade de São Paulo, que é o cenário do meu projeto. Há abaixo três mapas que ampliam a complexidade da desigualdade social que a cidade em questão enfrentou, em que é revelado em porcentagem da mortalidade da covid-19 em total de números de mortes registrados por distrito em 2020; a distribuição de antenas de internet móvel a cada 10 mil habitantes por distrito em 2020; e taxa de emprego formal a cada 10 habitantes em idade ativa por distrito

em dezembro de 2018. Logo, é possível depreender que o centro é uma área em que há mais infraestrutura para o enfrentamento da doença; onde tem mais acesso a internet, e por consequência, mais facilidade do real isolamento social e da possibilidade de se fazer teletrabalho; e onde se situa o pólo empregatício formal. Ou seja, um morador da periferia acaba por enfrentar o contexto pandêmico de forma desigual e com dificuldades desproporcionais ao habitante do centro. É neste entorno em que motoboys saíram e ainda saem para trabalhar, incapazes de realizar a quarentena para sustentar suas famílias, estando expostos ao contato viral a cada entrega que realizam.

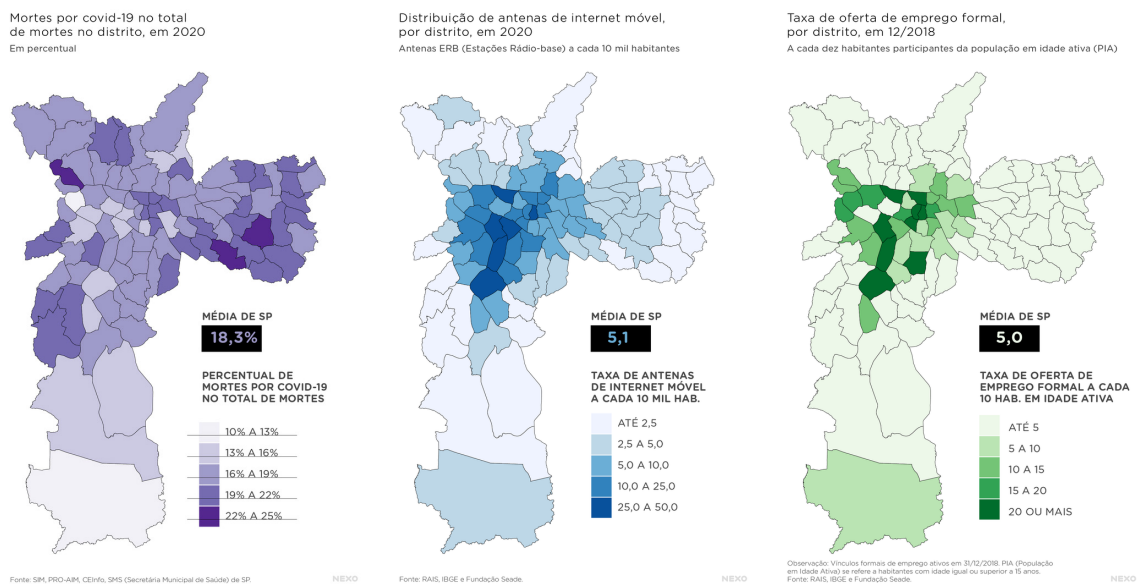


Figura 1: mapas sobre mortes (em 2020), distribuição de antenas de internet (em 2020) e de taxa de oferta de emprego formal (em 2018), na cidade de São Paulo. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/10/21/A-desigualdade-paulistana-durante-a-pandemia-em-5-pontos>> acesso: 22/06/2022

A fim de comparar períodos da magnitude deste problema sanitário que o Brasil está enfrentando, trago dados acerca do crescimento do coronavírus no intervalo de março a julho de 2020 (o qual compõe o cenário cronológico da história Apelo): totalizando 92.568 casos de morte e 2.666.298 casos confirmados da enfermidade, segundo o G1 (2020); e o contingente de seus números de casos e mortes contabilizados até a semana do dia 20 de junho de 2022: chegando aos números de 669.895 e 31.962.782, respectivamente, segundo o G1 (2022). E, logo, posso evidenciar que a disparidade das demais ondas de contaminação do vírus em questão para com a primeira foi brutal, já que é possível notar a diferença entre os dados a partir do acréscimo de um dígito em números totais de casos e óbitos até meados de 2022. Portanto, o que quero explicitar com esta comparação é que, no primeiro momento, a população brasileira não tinha dimensão da tragédia mórbida que viria a acontecer com ela, levando em conta o desamparo estrutural governamental.

A partir disso, quero apontar que o presidente Jair Messias Bolsonaro usou de seus esforços para desinformar o povo brasileiro, disseminar o coronavírus, indo contra o isolamento social e a vacinação, além de ser um modelo de discriminação social a minorias. Tal presidente que

tendo nas mãos o Sistema Único de Saúde e uma série de instrumentos capazes de salvar vidas em meio a um surto virótico arrasador, escolheu agir sistematicamente para lançar o próprio povo à insegurança, à contaminação, ao sofrimento físico e psicológico, ao luto e à morte. (Breda, 2021)

Questão LGBTQIA+

Outro aspecto importante a explicar neste trabalho é a esfera social das minorias, já que, nos últimos anos, evidenciou-se um crescente discurso de ódio contra mulheres, negros, indígenas e populações LGBTQIA+ (composta por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transsexuais, travestis, *queers*, intersexuais, assexuais, entre outros), devido à expansão de uma onda conservadora em escala global. No Brasil, atualmente, esta tendência se personifica na figura do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, o qual trouxe à tona discursos preconceituosos, violentos e autoritários.

Dentre estes grupos citados como exemplificação de minorias, decidi restringir meu tema à população LGBTQIA+ , pois, segundo o Observatório de Mortes Violentas da população LGBTQIA+ (2022), em 2021, 316 LGBTQIA+ tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia: 262 homicídios (82,91%) e 26 suicídios (8,26%), e outros. Entre essas mortes, o grupo de homens homossexuais é o que representa a maior parcela do número de vítimas, totalizando 145 mortes (45,89%), em seguida a população travesti ou mulher transsexual com 141 mortes (44,62%), depois lésbicas com 12 (3,8%), bissexuais (3%), etc. Ou seja, a taxa de mortes vinculadas às expressões de gênero e às sexualidades não normativas é expressiva, visto que seja possivelmente subnotificada, e, ao meu ver, constitui-se como uma pauta fundamental a ser trabalhada na sociedade brasileira.

A fim de explorar o tema da homofobia, em específico, recorri ao filósofo Michael Kimmel, pois ele possui uma grande trajetória acadêmica em estudos sobre

sexualidade e gênero. O intelectual em questão, em uma de suas obras, apresenta a homofobia como “um princípio organizador central de nossas definições culturais de masculinidade”, assim dizendo é “mais do que um medo irracional de homens gays, mais do que o medo de que possamos ser percebidos como gay” (Kimmel, 1997). Em outras palavras, o que pretendo discutir neste projeto é como a forma normativa de masculinidade compõe as relações humanas masculinas e, conseqüentemente, como molda as relações homoafetivas e homossexuais. Portanto, meu recorte acontece no momento em que tal princípio organizador tenta se impor sobre as personagens.

Lazer popular: “rachas”, “graus” e “bailes funk”

Meu objetivo aqui não é aprofundar a discussão sobre o uso de espaços urbanos e suas práticas culturais, pois sinto que tal temática tem a capacidade de se tornar objeto de estudos para outros projetos. Mas, pretendo retratar uma cultura popular que, ao meu ver, é mal vista ou marginalizada. Sinto que estes passatempos não possuem visibilidade ou espaço muito bem delimitado na cidade, e por isso, acabam por gerar caos por onde acontecem: atrapalham o trânsito, incomodam os residentes locais de prática, etc. Contudo, percebo que o direito de lazer deveria ser válido a todos e se tais eventos ocorrem de forma espontânea, acredito que eles são necessários. Seguindo esta lógica, não consigo diferenciar um “racha” de uma corrida em um autódromo e um velódromo, não consigo distinguir um “bailão funk” de uma festa de carnaval, pois o propósito de se festejar é o mesmo, o que muda, ao meu ver, são os seus locais e seus contextos.

Relações Humanas

Levando em consideração o que foi explicitado anteriormente, pretendo estabelecer um elo entre os assuntos já tratados. Parto, pois, de um ponto em comum: o uso de aplicativos para chegar a um determinado objetivo. No caso das entregas, a mercadoria a ser comercializada pode ser uma refeição, um documento ou qualquer outro item; já no caso dos relacionamentos, o alvo em questão é o contato pessoa-a-pessoa. Isto significa que o modelo representado passa pelo uso de uma plataforma digital que facilita o serviço humano, e, como consequência, torna as relações humanas mais artificiais.

Vejo que a precarização destas ocorre quando um entregador não dispõe de bases de direitos trabalhistas e, assim, não é valorizado como indivíduo; e quando uma pessoa busca na outra, através de aplicativos de relacionamentos, uma forma de satisfação estritamente pessoal, não estando aberta ao que a outra pode lhe proporcionar. Como contraponto, em meu projeto, visio humanizar os entregadores, mostrando o que pude entender como suas experiências de vida, passando pelo seu cotidiano, por seus problemas, por sua sorte; e no que se refere aos relacionamentos homoafetivos, pretendo abordar um momento de contato verdadeiro entre os personagens, em que exista a troca de experiências e evolução pessoal. Em suma, a composição do título se justifica, pois ao enfatizar os elos humanos, posso problematizar e refletir sobre como o uso dos aplicativos afetam o nosso convívio humano.

Objetivo

A minha meta foi chegar ao produto final de uma história em quadrinhos a partir da experimentação gráfica, na qual poderia expor ideias referente ao período atual e testar minha forma de compor narrativas verbo-visuais.

Logo, para chegar em meu objetivo central, pensei que seria conveniente me aproximar da esfera de criação de história em quadrinhos, ou estar em meio a referências visuais e teóricas. Ver filmes, séries e produções audiovisuais, assim como ler outros livros e obras de quadrinistas, puderam me direcionar a compor o meu próprio projeto.

Em paralelo a isso, acredito que foi essencial escolher quais das minhas ideias deveriam ser esboçadas tanto em palavras, estruturando um argumento da minha narrativa, quanto em imagens, para produzir um modelo de sequências quadro-a-quadro e, assim, compor o traçado dos cenários e dos personagens.

Em seguida, foi essencial a definição da linguagem e do estilo do projeto gráfico como uma possibilidade de visualização de uma pequena parte do projeto a fim de conseguir mensurá-lo. Então, foi possível pensar em como traduzir minha ideia em imagem final: definindo cores, formas, uso de tipografia, diagramação, entre outros elementos.

Para alcançar a concretização da história em quadrinhos, foi necessário dividir cada momento dramático em capítulos com a intenção de abordar os temas trazidos, e assim, poder desenvolver o argumento na linguagem almejada.

Como meta final, o intuito foi visar a transformação dos esboços em páginas finalizadas, seguindo a sequência lógica do argumento estruturado e, portanto, concretizar o projeto em si. Foi necessário elaborar cada página partindo do traçado das linhas de quadros, personagens, ambiente e falas e, por fim, aplicar cor para preencher as áreas delimitadas pelas linhas. Ao terminar os capítulos, foi fundamental revisar todas as informações verbais e não verbais e ver a relação que se estabeleceu entre cada segmento do enredo.

Métodos

Para chegar a tal objetivo, necessitei revisar as ferramentas que possuía destinadas a projetos anteriores de design e, então, reparei que este processo seria um pouco diferente dos demais por possuir especificidades técnicas como entender a estruturação de um roteiro e imergir na esfera da linguagem das histórias em quadrinhos. De certa forma, relaciono este Trabalho de Conclusão de Curso à disciplina AUP 2310 - Projeto Visual V - Design em Movimento, na qual tive a liberdade de explorar alguns recursos de narrativa a fim de produzir uma animação em seu resultado final. A diferença é que, desta vez, os quadros não estão em movimentos e a seleção das sequências de imagem bastam para formar a história. Iniciando meu planejamento, pela lógica de tal aula, pude lembrar que havia quatro etapas para se percorrer: a criação do *storyline*, o desenvolvimento do argumento, a criação de *storyboards* e a finalização destes (já que a etapa da construção audiovisual não se aplica neste caso).

O primeiro passo foi recorrer ao tema em questão e para isso, aproximei-me da esfera dos entregadores de aplicativos através da internet e do uso das redes sociais. Em outras palavras, busquei informações de fácil acesso e conforme percebi que já havia atingido um nível de saturação de informações, procurei por um apoio teórico para me aprofundar e enriquecer minha bibliografia. Simultaneamente, tive contato com a teoria de criação de roteiro a partir de Comparato (2000) e de criação de quadrinhos a partir de McCloud (2008) e Eisner (1989). Ou seja, neste primeiro momento, foquei em expandir a gama de informações que possuía sobre tudo o que poderia explorar neste projeto.

O segundo passo foi me deparar com o que havia compilado e tentar achar uma motivação que sustentasse um conflito-base para a configuração de um *storyline*. Cheguei, pois, a um momento de decisões no qual tive que filtrar os dados obtidos e cruzá-los com minha proposta inicial.

A partir de então, costurei as referências textuais já citadas com a Tipologia de Myers-Briggs (estudo e formação de 16 arquétipos de personalidades) e me rodeei de referências gráficas, para investir no processo de criação de personagens e geração do argumento. Paralelamente a isso, utilizei-me da ferramenta de entrevistas para me relacionar de forma mais direta com motoboys, com o intuito de ampliar meu discurso acerca do tema. Melhor dizendo, participei de mais um ciclo de expansão, em que coletei mais elementos qualitativos.

Em seguida, contei com o rascunhar, para gerar alternativas de possíveis sequências de quadro-a-quadro. Neste momento, assim como na fase de criação do argumento e expansão do *storyline*, foi imprescindível estar conectado a outras novelas gráficas e à esfera do audiovisual, para que eu pudesse enriquecer meu olhar ao definir cenas.

E logo, cheguei a um estilo visual em que pude aplicar todo o repertório gráfico investigado. Isto é, mais uma vez tive a ação de convergir e restringir meu processo a uma circunstância de escolhas, na qual, desta vez, cheguei a um modelo de páginas com uma proposta de arte final.

A partir deste momento, pude enfim organizar os temas a serem trabalhados, estruturando cada momento narrativo em 6 capítulos. Minha bússola foi entender

em quantas páginas eu conseguiria retratar um assunto, com base nos rascunhos que já possuía. Desse modo, a trama foi sendo consolidada por meio da validação das diagramações das páginas.

Enfim, houve um imenso esforço, como um quebra-cabeças, em encaixar cada detalhe do argumento e de características dos personagens nas diversas páginas da história. Passei por um processo intenso de revisão, em que tive que refazer desenhos, estruturas de quadros, organizações espaciais, tecido dramático (como cada personagem se conecta) e também esboçar páginas transicionais e intermediárias às situações do enredo. Para facilitar tal processo, acabei por fazer a descrição de páginas que se encontram no tópico de resultados nesta monografia. Portanto, fazendo o uso de tal procedimento, logrei compreender o que eu gostaria de transmitir em cada página, ou quais finalidades esta fração de capítulo deveria desempenhar na história.

Técnicas e Ferramentas

Utilizei algumas técnicas para me aproximar da esfera dos motoboys e entender como criar as personagens e seus ambientes. Para isso, entrei em grupos de entregadores em redes sociais, busquei informações na internet, observei motoboys e fiz entrevistas com eles. Como ferramentas, posso destacar a criação de mapas mentais, a formação de uma galeria de referências visuais, listagem de itens e descrições de páginas. A seguir, destaco alguns dos tópicos mais relevantes que me auxiliaram na pesquisa e no desenvolvimento processual do projeto.

Entrevistas

Ajudaram no processo de ambientação das personagens, em que pude observar de perto um pouco da vida de cada entrevistado, tendo contato com suas experiências, suas motivações, seus medos, entre outros pontos. Para tal recorte, foram estruturadas tais perguntas:

- 1. Como começou a trabalhar com esta atividade? O que te levou a isso?**
- 2. Onde você mora e quais percursos costuma fazer?**
- 3. Como é a sua rotina?**
- 4. Quais são as vantagens da profissão?**
- 5. E as desvantagens? Quais são?**
- 6. Como é a sua convivência com os outros motoboys?**
- 7. Como é a sua relação com as empresas contratadas?**

8. Como está sendo esta época de pandemia para você?

9. Você tem alguma história para contar?

Foram entrevistadas sete pessoas, das quais irei dar destaque a algumas falas e resumir algumas respostas. É importante avisar que os nomes a seguir são fictícios e o são para assegurar o anonimato dos indivíduos abordados.

Sobre as primeiras respostas, comento que o modo pelo qual os entregadores se atrelaram a esta profissão está ligado aos motivos de: ter gosto pela atividade, optar por complemento de renda e por terem baixos salários em empregos anteriores. Ressalto a fala de Daniel, que disse que começou tal atividade, pois quando era pequeno, andava de bicicleta, sempre via os conhecidos do bairro em suas motos e tinha o sonho de completar a maioridade para comprar uma e conduzi-la. Já Nataniel, teve gosto pelo veículo, porque seu pai o levava com ele em viagens desde sua adolescência.

Em relação às respostas da segunda pergunta, posso dizer que a maioria dos entrevistados moram na região da subprefeitura de Itaquera, e o restante no centro da cidade.

No que se refere às respostas da terceira pergunta, destaco que existem dois tipos de entregadores, os fixos e os móveis. Os primeiros permanecem em uma zona específica demarcada de acordo com o tipo de seu cadastro e os outros podem percorrer várias regiões da cidade no mesmo dia. Levando isso em consideração, trago a fala de Wellington que faz parte do segundo grupo e comentou que na

maioria das vezes inicia suas rotas próximo ao Shopping Metrô Itaquera, mas que ao decorrer do dia, já passou por regiões como a Penha, Vila Formosa e terminou sua corrida no Shopping Anália Franco.

No que diz respeito à quarta pergunta, as respostas em torno de vantagens são a autonomia em gerenciar o próprio trabalho, o baixo custo de manutenção do veículo, não ter um chefe e trabalhar em local aberto. Assim, trago a fala de Nataniel que apontou que para quem não tem recursos para fazer um ensino superior, trabalhar como entregador é uma maneira de ganhar mais dinheiro.

Relativo à quinta pergunta, as dificuldades da profissão estão relacionadas à chuva, ao preconceito, às manobras inadequadas feitas por motoristas de automóvel, aos acidentes, ao roubo, ao assalto, à falta de assistência em caso de acidente e ao gasto em manutenção da moto.

Quanto à sexta pergunta, a maioria disse não ter problemas de convivência com colegas de profissão e, quase em coro, disseram que os motoboys são muito unidos, pois sempre que um sofre acidente, tem outros que o socorrem. Apenas Walter tem divergência, pois, segundo ele, há quem seja irresponsável, acabando por comprometer a segurança dos demais.

Em referência à sétima pergunta, a maioria respondeu que possui uma boa relação com as empresas às quais se associam. Todavia, relataram ter dificuldades em resolver empecilhos voltados a erros nas entregas e em se comunicar com algum funcionário de suporte técnico.

Tendo em conta a oitava pergunta, a maioria comentou que esta fase de pandemia tem reduzido o preço das taxas por entrega, que nota mais entregadores nas ruas e que tem medo de contrair o coronavírus. Alguns disseram que algumas companhias não fornecem álcool em gel, nem máscara ou sequer luvas.

Ressalto nesta última resposta, a vivência de Nataniel, que acompanhou o desenrolar de um atropelamento de um colega por um condutor embriagado, resultando em um quase linchamento do motorista por parte de conjunto de aproximadamente cinquenta entregadores ao motorista. Só não o fizeram, pois havia uma criança de quatro anos no banco traseiro do carro e entenderam que ela não tinha culpa do ocorrido e, portanto, deveriam poupar o seu pai. Outra história que quero destacar é a de Jennifer, que trabalhou por meses com sua namorada lhe auxiliando em sua garupa. Relatou que tal companhia lhe trazia vantagens, já que notou uma melhora em relação à atenção, na qualidade de seu trabalho e sentia que Larissa a ajudava a prevenir acidentes, apesar de gastar mais em combustível. Disse, também, que não sofreu homofobia de forma explícita, nem qualquer tipo de violência; contudo os outros entregadores as miravam com preconceito e se mantinham afastados.

Referências Visuais

Scott Pilgrim (Bryan Lee O'Malley)

Começo com esta referência, pois ela é fundamental para a construção da minha história. O protagonista Scott é um jovem adulto que vive em Toronto no início da década de 2010 e apaixona-se por uma garota que trabalha com entregas na crescente empresa Amazon. Ou seja, Scott está inserido no início do contexto da “Economia do Compartilhamento”. A relação que posso estabelecer com a minha ideia principal de projeto foi a tradução de alguns elementos para o contexto brasileiro atual, mudando a configuração do casal (de heterossexual para homossexual) e restringindo o tipo de entregas na figura dos motoboys.



Figura 2: exemplo de linguagem visual do quadrinista Bryan Lee O'Malley na história Scott Pilgrim. Disponível em <<http://hqisso.com.br/scott-pilgrim-ou-eu-nao-vejo-motivo-para-isso-tudo/>> acesso:13/07/2021.

[illegible]

This one Summer (Jillian Tamaki)



Figura 4: exemplo de linguagem visual da quadrinista Jillian Tamaki na história This One Summer. Disponível em: <<https://vitralizado.com/tag/aquele-verao/>> acesso: 13/07/2021.

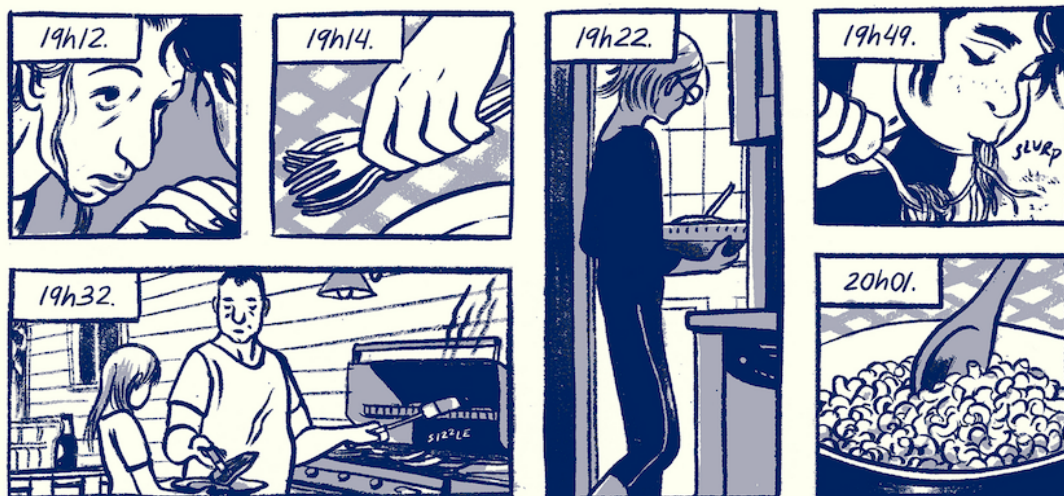


Figura 5: exemplo de diagramação, feita pela quadrinista Jillian Tamaki na história This One Summer. Disponível em: <<https://vitralizado.com/tag/aquele-verao/>> acesso: 13/07/2021.

Assim como a referência anterior, fiz alguns testes copiando seus desenhos a fim de entender a composição de expressões, linguagens corporais, uso do recurso luz e sombra, entre outros aspectos. A figura 6, a seguir, ajuda a elucidar esta etapa:



Le bleu est une couleur chaude (Julie Maroh)



Figura 7: exemplo de linguagem visual da quadrinista Julie Maroh do quadrinho Le bleu est une couleur chaude. Disponível em: <<http://organizando-o-caos.blogspot.com/2015/09/hq-filme-azul-e-cor-mais-quente.html>> Acesso em : 13/07/2021.

Escolhi esta obra como referência, porque se trata de um romance entre duas mulheres, escrito a partir de um olhar feminino, o que dá um caráter genuíno de voz à formação de personagens. Penso que, para mim, além desta contribuição sobre como abordar o tema de minorias, sua linguagem possui uma característica muito curiosa e particular que é o uso da cor azul para chamar atenção a detalhes fundamentais da trama, como por exemplo a atração que a protagonista tem pelo cabelo azul de seu par.

Angola Janga (Marcelo D'Salete)



Figura 8: exemplo de linguagem visual do quadrinista Marcelo D'Salete do quadrinho Angola Janga. Disponível em: <<https://splashpages.wordpress.com/2014/11/24/cumbe-tungstenio/>> Acesso em: 13/07/2021.

Graças a este autor, pude ter uma forma de consulta no momento em que precisei retratar meus personagens não brancos, pois traços negros, por exemplo, não se fazem tão presentes na maioria das histórias em quadrinhos. Além disso, pude admirar os detalhes da obra em termos de textura para decidir como utilizar este aspecto em minha linguagem. Também, esta obra me deu um respaldo para pensar na estruturação da diagramação das sequências em meu resultado final de linguagem.

André Terayama

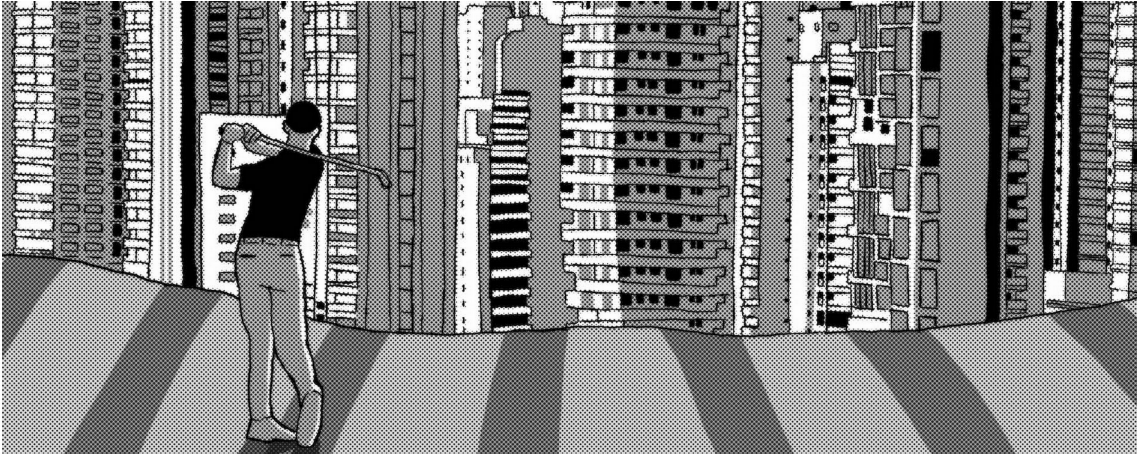


Figura 9: exemplo de linguagem visual do ilustrador André Terayama Disponível em <<https://trevo.us/classe-media-uni-vos/>> Acesso: 13/07/2021.

Este artista tem, aqui, sua menção devido ao modo pelo qual utiliza da fotografia para pensar em suas ilustrações. A ligação que consigo estabelecer com ele é o uso do olhar fotográfico para compor ilustrações digitais.

Joe Sacco



Figura 10 : exemplo de linguagem visual do quadrinista Joe Sacco do quadrinho Palestina na Faixa de Gaza. Disponível em <<http://blog.comuniqueiro.com/2016/05/joe-sacco-1960.html>> Acesso em: 13/07/2021.

Joe Sacco é um importante quadrinista que leva o gênero de histórias em quadrinhos para o ramo do jornalismo. Igual ao artista anterior, Sacco traz imagens com a força do ambiente urbano, onde, neste caso, há diversos conflitos sociais, já que sua temática é o retrato da região da Palestina nas décadas de 1980 e 1990. Com isso, aponto meu interesse no sentido de entender como representar um coletivo de pessoas interagindo entre si nas ruas. Vejo, também, que suas figuras humanas têm um grau de realismo bem interessante, o qual pôde me guiar em alguns momentos.

Esboços

Iniciei esta etapa de criação no momento em que dei as primeiras características aos personagens, pensando em seus aspectos físicos, sociais e psicológicos. Em seguida, após o término da confecção do argumento, utilizei esta ferramenta a fim de entender como eu montaria a passagem de cena-a-cena. Portanto, a fase de esboçar foi fundamental para visualizar qual caminho trilhar, já transformando as ideias antes escritas em figuras acompanhadas ou não de texto.



Figura 11: Exemplo de criação de primeiros quadros com contexto das personagens.

A figura 11, acima, representa os primeiros passos para a construção de quadros e ambientação dos personagens, ou seja, uma forma de definir um enquadramento necessário e um ponto de vista, e tanger o que viria a ser o estudo de sequências de quadros.

Ao pensar na formação de sequências verbo-visuais, recorri principalmente à obra *Desenhando Quadrinhos* do autor Scott McCloud (2008), na qual pude estudar os tipos de passagem de quadro-a-quadro. Estes esboços também contaram com alguns tipos de estudo de organização espacial das informações em que tive a possibilidade de explorar configurações de forma experimental. Levando isso em consideração, posso apresentar alguns dos resultados a seguir.



Figura 12: teste de diagramação da página com o foco em ambientar a rua General Osório.

A figura 12, ao lado, é um estudo sobre a ambientação da rua General Osório, a qual apresenta muito comércio destinado ao universo de motocicletas na zona central de São Paulo. A organização dos quadros se deve a uma condensação de informações, procurando se aproximar desta paisagem cheia de vitrines, produtos e marcas.



Figura 13: teste de diagramação em sequências de quadros com dimensões idênticas.

A figura 13, em contraponto a anterior, tem uma função mais voltada a entender a passagem da trama e o desenrolar da história. É importante ressaltar que ela compõe os primeiros rascunhos, com isso, os formatos quadrados com pouca variação de dimensão se mostraram mais úteis para compreender o ritmo visual. Técnicas como aumentar a largura ou a altura também se mostram válidas, ou até mesmo a ideia de se remover a moldura. Tudo isso pode ser pensado, principalmente para definir a passagem de tempo, como pude compreender com Will Eisner (1989). Mais adiante, a diagramação de enquadramentos foi tornando-se mais elaborada, ao passo que fui me familiarizando com o gênero literário.

Teoria de Myers-Briggs (16 personalidades)

Foi construída no século XX, a partir da releitura dos arquétipos junguianos por Katharine Cook Briggs e Isabel Briggs Myers e serve como estratégia para a definição de personagens no meio audiovisual. As 16 personalidades são definidas a partir de quatro principais aspectos: a interação social, o pensamento, a tomada de decisões e a vivência.

O primeiro aspecto é definido a partir de como cada personalidade interage com os demais, estando atrelado ao grau de sociabilidade que cada um possui. A extroversão é quando um indivíduo se sente mais à vontade passando mais tempo com pessoas ao seu redor e a introversão se resume ao oposto, uma tendência a estar de maneira geral mais solitário.

O segundo aspecto está relacionado à forma como um indivíduo pensa. Se ele tem uma maior facilidade com a praticidade e o empirismo, é possível encaixá-lo como um ser sensorial. Se, ao contrário, a tendência do pensamento se pauta na curiosidade e na capacidade de especular e gerar possibilidades, este já se encaixa como um ser intuitivo.

O terceiro aspecto está relacionado à forma como se toma decisões, se estão pautadas em motivos racionais ou sentimentais. Os indivíduos racionais tendem a solucionar seus problemas e escolher suas alternativas através de um viés lógico e objetivo, enquanto os indivíduos emotivos os fazem a partir de sentimentos e sensações. O quarto aspecto está relacionado com a forma com que se leva a vida. Os julgadores

preferem levá-la de forma planejada e organizada, sempre tentando prever fatos e acontecimentos a fim de que se evite surpresas e imprevistos. Seus opostos, os perceptivos, têm preferência por situações não calculadas e espontâneas, nas quais podem expressar fluidez e originalidade.

Há, também, um quinto critério que serve como um complemento, mas que não é base para a formação dos arquétipos, conectado à autoestima. Este binarismo define personalidades assertivas, quando possuem um alto grau de confiança em si mesmas e em suas atitudes; e turbulentas, quando teriam inseguranças e uma tendência maior ao nervosismo.

Processos

No primeiro momento, necessitei de uma estrutura de apoio para montar minha narrativa. Logo recorri, como já citado anteriormente, ao autor Doc Comparato, e passei por algumas etapas similares as quais os roteiristas trabalham: como definir meu storyline, montar minhas personagens e formatar meu argumento. Tendo essa etapa concluída, pude então focar em como traduzir tudo o que havia escrito em imagens, ou, melhor dizendo, na narrativa verbo-visual. Assim, iniciei meus primeiros esboços em busca de caracterizar as personagens, os cenários, alguns diálogos, a passagem de cena e, conforme as estruturas fossem se consolidando, passei a engendrar cada página e cada capítulo do projeto de Apelo.

Storyline

Segundo a definição de Comparato (2000), o *storyline* “serve de base, de ponto de partida” para a história, e “é usada como expressão de mínimo conflito”, ou a “mais breve das sinopses” e para mim foi o norteamento para eu chegar em meu objetivo. A princípio, no início do Trabalho de Conclusão de Curso I, já tinha a ideia de explorar a temática dos entregadores de aplicativo e, também, sabia que a ela se somaria ao recorte de sexualidade e gênero, mas ainda não conseguia visualizar como elas se combinavam. O que fiz, em seguida, foi criar uma lista com os aspectos que achava importante ressaltar, e logo, percebi que a necessidade de discutir sobre a questão da homofobia estaria em um plano mais evidente e direto e, conseqüentemente, abordaria o dia-a-dia dos motoboys como ambientação, em que poderia retratar e problematizar muitos pontos de cotidiano da profissão. Penso que cada esfera tem seu espaço, e pode dialogar, dependendo de seu contexto. Vejo que em alguns momentos estas duas esferas também convergem para dar mais carga dramática ao enredo. Levando estes comentários em conta, abaixo segue o *storyline* já definido:

Em um primeiro momento, dois garotos sofrem homofobia enquanto trabalham como motoboys. Buscam um respaldo policial, mas não o conseguem. Passam-se alguns meses e se reencontram com o seu agressor, porém em uma situação totalmente inusitada, em um protesto destinado a melhorias da profissão. Eis que o tal sujeito dispara contra um dos garotos e gera um conflito politicamente polarizado entre os

entregadores. Em alguns instantes, o outro rapaz, deixando o seu companheiro ser levado pela ambulância, parte para o encontro com o agressor e, ao invés de fazer justiça com suas próprias mãos, acaba salvando-o de um linchamento.

Enfim, é importante dizer que a narrativa foi se modificando conforme as páginas e o drama ganhavam solidez. Algumas das características do *storyline* foram levemente adaptadas.

Personagens

A criação dos personagens foi um processo mais facetado, no qual passei por McCloud (2008), Doc Comparato (2000) e pelo método já citado das 16 personalidades. Em Doc Comparato (2000), a criação dos personagens está inserida dentro do âmbito do argumento, porém, prefiro separá-la e trazê-la como algo anterior à formatação do texto em si para poder traçar relações com outras fontes e, assim, dar seu devido realce e sua devida explicitação de acordo com sua complexidade. Tanto McCloud (2008) como Doc Comparato (2000) me ajudaram a entender que os personagens ao serem criados, tem um certo propósito e suas características principais ajudam a moldar a construção dos fatos da história, ou seja, o drama está intrinsicamente ligado a fatores físicos, psicológicos e sociais deles. As suas vontades, então, conectam-se às suas ações e seus pensamentos se transformam em falas e, ao mesmo tempo, a união de ações das personagens geram a trama, segundo Comparato(2000). A partir de então, pude notar que as duas obras trazem maneiras de compor os personagens, dando exemplos de como criar o universo de cada um e, para isso, foi necessário basear cada personagem dentro de seu universo com uma certa gama de informações históricas e comportamentais. A diferença entre os dois autores é que Doc Comparato (2000) traz uma maior detalhamento desse processo, enquanto McCloud (2008) tem um foco mais visual, ao ressaltar o design de personagens e outras questões gráficas mais práticas. Logo, utilizei o conceito das 16 personalidades para consolidar cada sujeito e, conseqüentemente, foi mais fácil de visualizar as suas possíveis ações e tomadas de decisão.

Protagonistas

Segundo Doc Comparato (2000), o protagonista é “a personagem básica do núcleo dramático, é o herói da história”. Neste caso, destaco dois personagens, pois eles formam um par que faz contraposição ao antagonista.

Samuel



Figura 14 e 15: esboço do personagem Samuel utilizando roupa do time de futebol; esboço do personagem Samuel vestindo roupas de motoboy.

Samuel tem 20 anos, tem 1,65m e pesa 62kg. Tem a pele negra, olhos levemente rasgados e outros traços mestiços e não-bancos. É um garoto que nasceu na periferia paulistana, residente da Vila Progresso, Zona Leste de São Paulo, que se desloca diariamente para regiões centrais para trabalhar como motoboy. Terminou o ensino médio faz alguns anos em escola pública e, agora, com a ajuda de seus pais, financiou uma nova moto para ganhar dinheiro e aumentar a renda familiar.

Usa roupas mais básicas, como camiseta de gola, camiseta com listras, bermuda e chinelos de dedos. Seu luxo está em usar a camiseta do seu time de futebol preferido (que no caso é o Corinthians, como visto na figura 14), uma calça jeans, correntes e colares de metal e um boné mesmo quando coloca o capacete. Seu traje de trabalho está mais relacionado à segurança, como o uso de capacete, casaco impermeável e calças para evitar possíveis arranhões. O elemento da pochete pode ser usado tanto em momentos de trabalho, auxiliando o troco, ou, então, em festas para a mesma finalidade ou como um adorno.



Figura 16 e 17: esboço do personagem Samuel utilizando um traje para o calor, remetendo ao funk; esboço do personagem Samuel em estilo festivo.

Seu nome surgiu a partir de duas canções de afrobeat brasileiro: “Samuel” do grupo Metá Metá e “Guará” do conjunto musical Samuca e a Selva. Destaco-as, pois me parecem uma boa opção para iniciar a ambientação do meu protagonista. Ambas trazem descrições de personagens muito travessos e brincalhões, mas a primeira, em especial, aproxima-se mais do universo ao qual quero explorar: as ruas de São Paulo. Nesta canção, é possível identificar um grupo de meninos que fazem arruaças e que mostram um certo tom de inconsequência e espontaneidade da juventude. Porém,

ao contrário do que se possa imaginar, o recorte da letra presa pela descrição de ações de duas personagens convidadas pelo grupo, ou seja, membros não oficiais, o Deto e o Nikimba. Estes, por sua vez, acabam por ultrapassar as normas de condutas convencionais da rapaziada. O Deto

*“zuou o guardinha daquele conjunto quadrado
depois roubou moeda do homem estátua de lata”*

e o Nikimba

*“desceu a Augusta montado atrás do busão
com a coxinha do bar deu perdido
saiu sem pagar”. (Campos e Dinucci, 2011).*

E é, então, que o eu lírico evoca Samuel, para avaliar a situação. Contudo, a personagem que dá nome ao título da música não lhe responde e se ausenta. Ou seja, este me parece a figura que mais se incomoda com tais fatos e acaba por se afastar, não querendo se envolver com o tema.

Portanto, o que quero trazer aqui é uma certa construção moral da personagem, delimitada a partir do grupo em questão e pela própria sociedade. Imagino o meu Samuel imerso em situações adversas, convivendo com diferentes tipos de pessoas, mas levando consigo esta dosagem moral: uma tendência a essa sagacidade beirando a malandragem, mas sem ultrapassar limites legais ou limites pessoais de terceiros. Já a segunda canção foca mais no espírito explorador e na vivacidade infantil,

pautado pela vontade de conhecer o mundo. Junto a elementos da cultura popular, o Samuel deste contexto nada mais é do que uma criança travessa que se ambienta em meio a tal estrofe:

“Banho de mangueira

Amoreira, coqueiro

Bicho carpinteiro

Danei-me a brincar

Se incendeia

Cadeia, isqueiro

Fugi cativo

Ensaiei cavalgar”. (Buda, Samuca e Spirandelli, 2016)

Isto é, apresenta-se como um indivíduo que tem muita energia e que busca o prazer do brincar. Tal fato, também, acaba por beirar a inconsequência quando uma figura de provável tutoria aparece para repreendê-lo. Um exemplo disto por ser notado na seguinte estrofe:

“Samuel, Samuel

Já falei pra parar de teimar

Vez que explode a janela

Ô vizinho!

Vez que pode parar de falar”. (Buda, Samuca e Spirandelli, 2016)

E, desde então, pude ver que meu protagonista também possuiria esta leveza e simplicidade a qual todos, ou quase todos possuem quando pequenos, mas que só para alguns os marca como um traço de personalidade.

E, portanto, chego à atmosfera do um motoboy, como um garoto que continua a pedalar em sua bicicleta com seus amigos de bairro periférico, descendo ladeiras com toda a velocidade, sem freios. Logo, ele cresce, torna-se adolescente e já começa a conduzir a moto cedo, muitas vezes antes de completar a maioridade (por influência de pais ou de amigos) e, ao chegar à vida adulta, tem orgulho em dizer que trabalha em cima da moto todos os dias. Sob meu ponto de vista, o meu Samuel traz essa energia jovem que o motoboy nunca perde, aventurando-se todos os dias, ao explorar cada canto da cidade, apesar de passar por todo tipo de contratempo e desventura.

Tendo isso em conta, consigo traçar, mais facilmente, a personalidade deste protagonista. Seguindo o estudo sobre a formação das dezesseis personalidades, segundo NERIS Analytics Limited (2021), o meu Samuel estaria relacionado ao arquétipo do Animador que é composto pelas características: extroversão, sensorialidade, sentimento e percepção.



Figura 18: ilustração ressaltando característica da personalidade animadora. Disponível em : <<https://static.neris-assets.com/images/personality-types/headers/fb/esfp-personality-type-header.png>> acesso em 09/07/2021

Ao começar pela característica de extroversão, posso ver claramente que ele é o tipo de pessoa que está sempre acompanhado de alguém ou pertencendo a algum grupo. Acredito que uma personalidade introvertida não demonstraria tanto este espírito jovial de forma mais instantânea e natural que ele possui; ainda sim, a extroversão representa bem a coletividade e a parceria que pude perceber entre os entregadores, principalmente nos pontos de entrega; e, ao meu ver, é uma ferramenta mais fácil para fazer alegorias.

Seguindo adiante, achei adequado defini-lo como um ser de pensamento empirista, que preza pela praticidade em tudo o que faz. Isto porque a profissão também é muito prática: pelo o que pude perceber, muitos motoboys começam a andar de moto antes de terem a habilitação, praticando com algum conhecido (seja amigo ou parente); aprendem a entregar sem precisarem de uma pessoa física lhes orientando; e lidam com os processos de entregas e problemas sozinhos, o que lhe proporcionam um certo tipo de sagacidade empírica.

Logo após, notei que seria mais interessante criar um Samuel movido pela emoção, alguém que decidiu ser motoboy pela paixão de estar na moto e poder expressar a esperança de conseguir juntar um bom dinheiro trabalhando muito. Tal característica, também, pode evidenciar até uma predisposição à impulsividade, já que o imagino tomando decisões de forma muito imediata sem avaliar as circunstâncias, ao se somar com a sua praticidade de pensamento. Segundo NERIS Analytics Limited (2021), “um dos maiores desafios que os Animadores enfrentam é que eles se focam nos prazeres imediatos que eles acabam por negligenciar seus deveres e responsabilidades que tornam esses luxos impossíveis”. Ou seja, as sensações e os sentimentos estão em primeiro plano.

A seguir, pude defini-lo como um ser perceptivo, pois o imaginei sempre lidando com questões muito imediatas da profissão, como problemas e situações inusitadas de entregas. Assim, vejo que um indivíduo com a característica oposta, a de ser planejar, não se adequaria tão bem, a este contexto, pois a profissão requer uma certa mutabilidade e flexibilidade para lidar com as imprevisibilidades.

Além disso, ele possui o traço de personalidade da assertividade, que significa ter autoconfiança de um modo geral no que faz, no que propõe, no que justifica, etc; o que acaba por contribuir para a leveza e para a naturalidade pela qual ele direciona a sua vida.

Outra informação que se tem, ao se combinar as características abordadas anteriormente, sobre a figura do Animador é que seu magnetismo próprio motiva as pessoas que estão ao seu lado. Segundo NERIS Analytics Limited (2021),

“Nenhum outro tipo de personalidade é tão generosa com seu tempo e energia como os Animadores quando se trata de encorajar outros, e nenhum outro tipo de personalidade o faz com um estilo tão irresistível”.

Em outras palavras, vejo que aqui seria um ponto de encontro entre os protagonistas, pois o outro rapaz se sentiria motivado e atraído pelo discurso deste arquétipo, pois Samuel pode lhe proporcionar um ponto de apoio emocional e motivacional.

Bruno



Figura 19 e 20: esboço do personagem Bruno em traje casual; esboço do personagem Bruno usando casaco de moletom e capacete do Batman.

Bruno é um garoto de 22 anos que mede 1,82 e pesa 97 kg. Tem pele clara, seu cabelo é castanho, seus olhos são de cor mel, é de classe média alta e vive no bairro de Moema. No momento está vivenciando o término de seu terceiro ano de cursinho para medicina e sente um desejo de mudar sua vida, de não seguir a carreira dos pais e irmãos mais velhos. A verdade é que não sabe que direção tomar e se sente

preso em um ciclo vicioso que nunca acaba: de ir para o cursinho e voltar para casa, sempre tendo que estudar. Em seu tempo livre, costuma sair e andar de *longboard* pelas ruas e pela marquise do parque Ibirapuera. Quando não aguenta mais estudar e não pode sair de casa, passa a jogar vídeo-game e se perde no tempo.

Seu estilo pessoal é uma mistura de skatista que ouve *rock* e música alternativa com esportista e gamer. Combinações comuns de roupa: uma camiseta com uma estampa interessante em conjunto com uma calça ou uma bermuda esportiva; um casaco de moletom com uma calça justa, ou *skinny*; e quando quer ficar mais apresentável, veste uma camisa de mangas curtas com estampas florais. Seus acessórios são um alargador na orelha esquerda, fones de ouvido (muito usados em momentos de estudos e quando anda de *skate*) e um capacete de Batman (ao andar de moto com Samuel).



Figura 21 e 22: esboço do personagem Bruno em traje de skatista; esboço de Bruno com roupa festiva.

Segundo o Dicionário de Nomes Próprios (7GRAUS, 2021), Bruno é um nome com duas origens: “pode ter vindo do latim brunus, como do germânico brun, que querem dizer literalmente ‘marrom’ ou ‘moreno’. Ou seja, minha escolha para o seu nome provém de uma característica física. Penso que o desafio do personagem é poder se encontrar e ser mais que outro rapaz moreno (pele clara com cabelo castanho) no mundo, é um exercício de olhar para si mesmo e conseguir se achar, diferenciar-se.

Dentro das 16 personalidades, segundo NERIS Analytics Limited (2021), ele se encaixa no arquétipo do Advogado, ou seja, tem as características de introversão, intuição, sentimento e planejamento.

Diferentemente de Samuel, ele é introvertido. Convive com apenas alguns colegas do cursinho e conhece alguns rapazes que também frequentam o parque Ibirapuera. Sua família sempre valorizou os feitos individuais e ele aprendeu a direcionar esse valor para o autoconhecimento, logo está sempre em busca de se entender e de buscar explicações para o seu entorno.

Outro ponto que destoa de seu colega de corridas, é o modo de pensar, sendo ele intuitivo. Ou seja, seus pensamentos são muito reflexivos e tendem a ganhar uma certa complexidade, o que, em alguns contextos, travam-no e deixam-no em dilemas existenciais.

A única característica que os dois protagonistas compartilham é a parte sentimental. E, para Bruno, ela é muito importante, porque ele é muito sensível e pode ser

facilmente afetado pelo meio. A sua introversão e a sua intuição combinadas com este lado sensível, fazem com que ele viva um turbilhão de sentimentos que dificilmente é posto para fora e poucas pessoas tenham acesso ao momento que isso ocorre.

A quarta das características citadas, que também é destoante de Samuel, é a forma planejadora e julgadora de ser. Isto é, ele tampouco é imediatista, preferindo pensar e planejar suas ações e tarefas.

Por último, posso dizer que ele é um rapaz turbulento, ou seja possui problemas com a auto-estima segundo NERIS Analytics Limited (2021), sendo eles alimentados por várias fontes: sua sensibilidade, atrelada com o aspecto de delicadeza; não conseguir expressar seus sentimentos publicamente; sua sexualidade; sua não identificação com o futuro que seus pais sonham para ele; seu leve sobrepeso; e outras inseguranças.



Figura 23: ilustração ressaltando característica da personalidade advogado. Disponível em: <<https://static.neris-assets.com/images/personality-types/headers/fb/infj-personality-type-header.png>> acesso em 09/07/2021.

“O igualitarismo e o karma são ideias muito atraentes para os Advogados, e eles tendem a acreditar que nada ajudaria o mundo tanto como usar o amor e a compaixão para suavizar o coração dos tiranos” (NERIS Analytics Limited, 2021). Desta forma, combinando tal aspecto com seu problema de autoestima, percebe-se que ele tem muito mais facilidade em se doar para outras pessoas do que defender a si próprio.

Com a chegada de Samuel em sua vida, ele passa a ter alguma distração, um momento de respiro e começa a busca por novos planos. Também é a energia estimulante de seu parceiro que acaba o fortalecendo, trazendo mais ânimo aos seus dias e sendo um suporte emocional, como dito antes. Apesar de ser de uma classe social diferente de seu companheiro e não estar tão relacionado ao mundo dos entregadores, é neste meio em que acaba se inserindo pela vontade e necessidade de sair de sua esfera pessoal. Ele não tem a premissa de se transformar em entregador, mas não se sentir tão solitário e estar acompanhado de quem o faz bem, por mais diferente que seja o novo universo.

Moto CG Titan (Honda)

Escolhi esta moto para acompanhar os protagonistas, porque, dentre outros modelos populares, ela é uma das mais vendidas nestes últimos anos, segundo o jornal Estadão (Caldeira, 2021). Além de ter sido citada por um entrevistado como exemplo de boa ergonomia. O estilo dela em si não traduz necessariamente algo dos protagonistas, mas busca estar próximo à representação do tipo de motocicleta que está nas ruas de São Paulo.



Figura 24: exemplificação do modelo de moto CG Titan da marca Honda. Disponível em: <<https://autoesporte.globo.com/carros/noticia/2017/08/honda-lanca-linha-2018-da-cg-160-com-freios-cbs-de-serie.ghtml>> Acesso: 10/07/2021.

Antagonista

Segundo Doc Comparato (2000), o antagonista é “o contrário do protagonista” e ou em outras palavras, sua esfera se centra em elementos com o prejuízo, o combate ou qualquer outra forma de luta contra o herói.

Borges

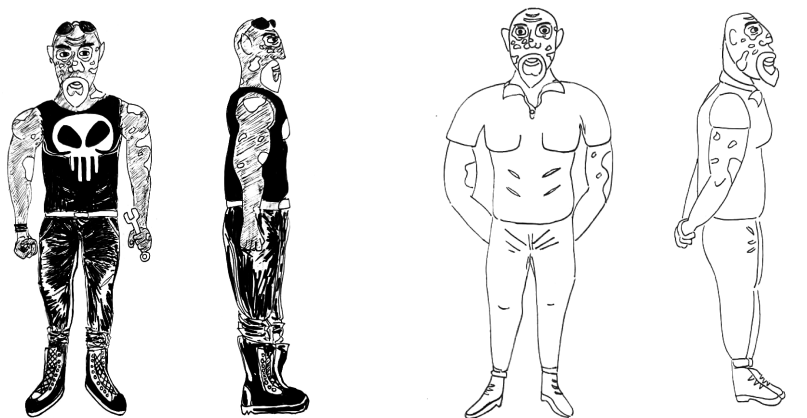


Figura 25 e 26: esboço do personagem Borges com camiseta de caveira; esboço do personagem Borges com roupa usada no trabalho.

Borges é um homem de 49 anos, mede 1,92 e pesa 105 kg. Possui pele morena com marcas de vitiligo, é careca, musculoso e possui um cavanhaque. Trabalha como gerente de uma oficina mecânica no centro da cidade. É um personagem que passou por alguma ascensão social em sua vida e, por isso, justifica-se dentro da meritocracia. Tem um perfil bem conservador em relação à questão de costumes e anda com seu círculo social restrito a motoqueiros bolsonaristas, que de vez em quando aparecem em atos pró-governo.

Ele talvez seja o personagem mais paradoxal, pois carrega consigo diversas contradições: uma delas é a questão de classe, pois enxerga que sua moderada ascensão social não o faz mais pertencente a uma condição pobre; uma outra contradição é a sua sexualidade que não foi bem esclarecida em sua vida, o que o faz projetar seus ressentimentos em outras pessoas através da violência, do machismo ou da homofobia, e é, inclusive, este o elo que possui com os protagonistas; o outro paradoxo é a questão racial, que evidencia sua dificuldade por não se enxergar como negro. Sua condição de vitiligo pode ser uma característica física que demonstra o que acabou de ser apontado. Seus trajes tem uma grande ligação ao estilo de ser motoqueiro. Usa roupas pretas em sua maior parte do tempo, podendo ser calças ou jaquetas de couro, ou um colete que contém símbolos (tanto de motoqueiros como de bandas de *rock*). Seus acessórios podem ser seus óculos escuros estilo aviador e seu capacete estilo motoqueiro. Sobre calçados, pode usar tanto coturnos, como botas. Em vestimentas um pouco mais formais, opta por utilizar uma camisa ou camiseta polo, junto a uma calça jeans e uma bota, com cores neutras e básicas.

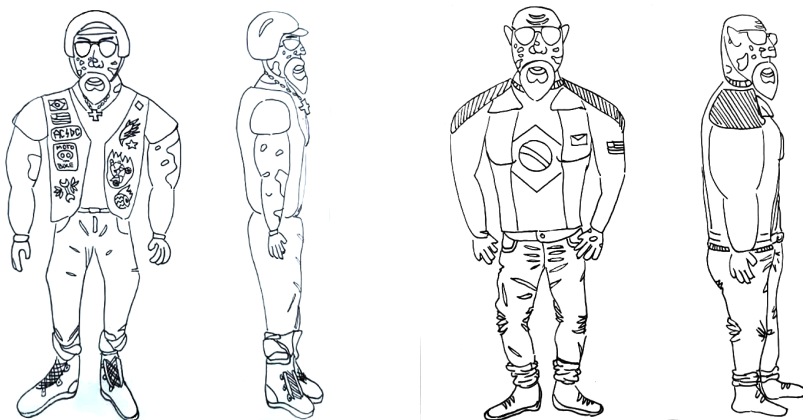


Figura 27e 28: esboço da personagem Borges equipado para conduzir uma motocicleta; esboço o personagem Borges usando traje “motoqueiro bolsonarista”.

O nome Borges se originou a partir da palavra árabe “burdz”, que significa “torre”, segundo o Dicionário de Nomes Próprios (7GRAUS, 2021), o que para mim se traduz em uma metáfora para alguém extremamente rígido, inflexível, egocêntrico, que almeja um status social, ou até que se coloca como um modelo a ser seguido. Segundo Godo (1985), no tarô, a carta “A Torre”, ou “A Casa de Deus”, representa “a falta da capacidade do homem em responder de forma eficiente a uma determinada situação externa; isso afeta de tal maneira que ele despedaça sua própria condição interna ou os outros”. Em outras palavras, é esta a forma como vejo a figura de Borges encarar seus problemas e como molda sua relação com os protagonistas. Ele, portanto, projeta suas angústias como uma resposta ao externo, de forma explosiva e violenta como uma torre ao ser demolida.

Godo (1985) também diz que “a torre tem forma retangular, mas seu teto é circular; um raio arranca seu telhado, significando a impossibilidade de ajustar-se um quadrado a um círculo, ou seja, a união de coisas naturalmente separadas”. Isto é, vejo que o antagonista representa uma construção de valores que não tem uma base sólida e que chega ao seu ponto de maior instabilidade, porque o seus pensamentos são contrários à sua própria existência.

Relembro também, a noção de homofobia de Kimmel(1997), ao dizer que a masculinidade pode ser normatizada e que o diferente tende a sofrer repressão. E é justamente isso que ocorre com ele, em esfera pessoal e interpessoal, pois reprime a sua condição e a expressão de terceiros.



Figura 29: imagem ilustrada do arcano maior número XVI, a Torre. Disponível em: <<https://www.rosanetarot.com.br/2013/06/arcano-16-torre-mudancas-vista.html>> Acesso em: 13/07/2021

Segundo NERIS Analytics Limited (2021), o Borges se encaixa como Comandante, dentre as 16 personalidades, e possui as características: extroversão, intuição, razão e planejamento.

A extroversão pode ser identificada pelo fato de estar sempre socializando com o grupo de motoqueiros bolsonaristas do qual faz parte e, de, no trabalho, estar sempre gerenciando seus empregados e lhes delegando tarefas. Ele possui um tipo inteligência social e interpessoal, mas muitas vezes a utiliza para seus próprios interesses.

A sua intuição se deve ao fato de enxergar o mundo ao seu redor como possibilidades e oportunidades a serem exploradas. É com isso que ele justifica os fins e os propósitos.

Seu aspecto da sua racionalidade tende a colocar as emoções em segundo plano, pois para este arquétipo, elas são sinônimo de fraqueza. Logo, posso dizer que a parte sentimental de sua vida chega a ser muito negligenciada, atingindo o ponto

de não saber lidar com ela em momentos cruciais de sua vida. Ainda assim, segundo NERIS Analytics Limited (2021), Comandantes são caracterizados por um nível de racionalidade, muitas vezes cruel, usando sua unidade, determinação e mentes afiadas para alcançar qualquer fim que eles tenham definido para si.

A característica do planejamento desta personagem está no cerne da história, pois é ele quem procura pelos protagonistas após o primeiro encontro, manda mensagens ameaçadoras a Samuel e escolhe o momento certo para utilizar da violência como forma de expressão pessoal. O que os comandantes adoram, é um bom desafio, grande ou pequeno, e acreditam firmemente que, com tempo e recursos suficientes, podem alcançar qualquer objetivo (NERIS Analytics Limited, 2021).

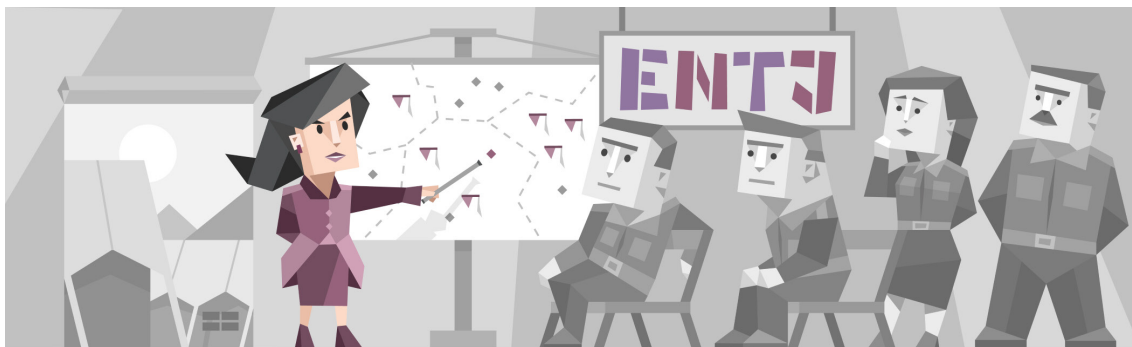


Figura 30: ilustração ressaltando característica da personalidade animadora. Disponível em : <<https://static.neris-assets.com/images/personality-types/headers/fb/entj-personality-type-header.png>> acesso em 09/07/2021.

Moto Fat Boy (Harley Davidson)

Escolhi tal modelo para acompanhar o antagonista, pois é uma marca renomada, já consagrada no imaginário popular como uma motocicleta de altíssima qualidade, muito associada à imagem estereotipada do motoqueiro. Outros aspectos que quero enumerar sobre este modelo de motocicleta é que detém características clássicas, cujo estilo pode remeter ao modo conservador da personagem, e também é bem robusta, o que faz um paralelo ao porte físico de seu usuário.



Figura 31: exemplificação do modelo de moto Fat Boy da marca Harley Davidson. Disponível em: <http://www.newbahiahd.com.br/project_category/cruiser/> Acesso em: 11/07/2021.

Personagens Secundários

Segundo Doc Comparato(2000), a personagem secundária é “a personagem que sempre está do lado do protagonista” ou se constitui como “um elemento de união, explicação ou solução”.

Carla



Figura 32: ilustrações de primeira aparição de Carla no quadrinho.

É uma personagem muito reveladora para mim, pois ela nasceu já no início do Trabalho de Conclusão II, quando comecei a fazer os contornos das primeiras páginas e elaborar a duração de cada capítulo. No meu esboço inicial, ela aparecia como uma figurante que talvez nem tivesse sua figura clara, que talvez fosse representada

só por sua mão, ao pagar um lanche trazido por Samuel. O que ficou claro para mim, ao rever os rascunhos, é que ela tinha um enorme potencial de se mostrar como personagem secundária, e até mesmo, ser protagonista em outra história. Ela caracteriza um trabalhador jovem que ganha salário mínimo e sofre com o desemprego, trabalho informal e altos custos de vida na cidade de São Paulo. E com a instabilidade que a pandemia trouxe, ela se viu migrando de emprego a emprego para ter alguma independência financeira. Ela é uma figura que se sustenta por si

só, sua personalidade é sempre bem presente, constituindo a pouca porcentagem de “motogirl” vistas nas ruas e acumulando em si pautas minoritárias.

Zipo



Figura 33: esboço de sequência em que introduz Zipo.

Seu nome verdadeiro é José Pedro e por simplificação acabou ficando “Zipo”. Também é uma forma de relacioná-lo à marca do isqueiro Zippo, ao sempre estar acendendo um cigarro para aplacar sua ansiedade. É o melhor amigo de Samuel e está sempre por perto para ajudar no que for preciso. Conheceu o camarada no contexto da prática dos rachas e por conta de um acidente, fortaleceu seu laço de amizade com o protagonista. Seu grande problema é que está condenado a trabalhar sem parar, porque logo vai ser pai. Como sua namorada e futura esposa ficou desempregada e grávida durante a pandemia, é ele quem acaba por “segurar

as pontas”. O que busco explorar nele é a questão da sobrecarga laboral advinda da precarização do trabalho de entregador; e a figura do pai de família provedor dos bens materiais, estruturada pela divisão social de gênero quando há a figura masculina e paterna em um núcleo familiar. Este último aspecto foi notado em alguns casos de entrevistas e ao meu ver parece comum à realidade de muitos motoboys.

Alissom



Figura 34: ilustrações do personagem Alissom tiradas do capítulo 4.

É amigo de Samuel e Zipo e evoca o mundo dos rchas e graus, relacionado ao capítulo 4. Acaba conhecendo Carla no baile funk e a insere na profissão de entregas. No final da história é possível encontrá-lo como paramédico, exemplificando o tipo de motoboy que possui um trabalho principal e faz bicos como entregador para complementar sua a renda. Assim como Samuel, ele possui um espírito jovem aventureiro, revelando uma natureza bem sociável.

Argumento

O argumento segundo Doc Comparato (2000) é “a *storyline* desenvolvida sob forma de texto. Uma vez que o conflito-matriz se apresenta na *storyline*, o segundo passo é conseguir personagens para viverem a história, que é senão o dito conflito-matriz”, ou, então, é “a defesa das nossas personagens, a expressão escrita da alma da história”. Com isso, o argumento se constrói como uma progressão ou evolução da *storyline*, pois nesta etapa, o enredo ganha corpo e mais detalhes, graças ao detalhamento das ações das personagens. É neste instante em que se pode definir a temporalidade das ações, a localização da trama e, por fim, chegar no desenvolvimento da história:

Em São Paulo, Bruno e Samuel se conhecem por um aplicativo de relacionamentos e se encontram pessoalmente, por acaso. Todavia, não é um mero contato, pois é Samuel o motoboy quem faz a entrega do pedido a Bruno. Assim, os dois rapazes vão se conhecendo cada vez mais e se vêem algumas vezes pessoalmente. Em uma delas, Samuel convida Bruno a dar voltas de moto e este como já anda cansado de sua rotina desmotivadora do cursinho decide acompanhá-lo em suas viagens. Contudo, com o passar do tempo, os dois passam a se encontrar com certa frequência e naturalmente começam a trabalhar juntos.

Porém, o que Bruno não sabe é que Samuel, neste meio tempo, ainda está utilizando o aplicativo de relacionamentos e que, em uma de suas conversas, conhece Borges, um cara extremamente preconceituoso. Após alguns desentendimentos, Borges xinga e ameaça de morte o rapaz.

Alguns tempo depois, Borges recebe, em sua oficina, os dois garotos, em um momento em que a moto de Samuel está com problemas mecânicos. Neste instante, só Borges se dá conta de quem são eles, pois seu perfil no aplicativo de relacionamentos é discreto. A moto é revisada e o casal parte. Desde de então, Borges passa a vê-los em alguns pontos da cidade por coincidência e isto é o suficiente para lhe despertar ódio e uma obsessão em puni-los.

Após um dia cansativo de entregas, com vários empecilhos, Samuel e Bruno têm seu destino confirmado em uma rua erma, no centro da cidade e se dão conta de que estão sendo seguidos por alguns motoqueiros. Mas há um despiste. Enquanto Samuel finaliza a transação com o cliente, Bruno o espera sentado na moto, quando, de repente, visualiza uma enorme figura, que parte para agredi-lo. Ao se despedir do cliente, Samuel ouve o grito de seu companheiro e percebe que o mesmo estava em apuros. E, logo, o agressor foge ao perceber que não só chamou a atenção do outro garoto, como dos residentes dos edifícios ao lado. Por fim, os dois rapazes vão à delegacia e passam de novo por uma situação complicada, pois os policiais não só negam a ajuda, como também os humilham.

Passam-se alguns meses e os personagens começam a fazer entregas durante a pandemia. Logo, percebem que tudo começa a ficar mais difícil: as corridas passam a não dar mais tanto dinheiro, há um medo generalizado pelo novo coronavírus, Bruno teme que seus pais percebam que ele está matando aulas e o terror de uma nova homofobia os apavora. Conforme se agrava a pandemia, o casal se distancia, mas continua nas trocas de mensagens quase todos os dias, cada um em seu universo;

e é, neste intervalo de tempo, em que Samuel percebe que aquele perfil anônimo ainda lhe manda mensagens de ameaça.

No final do mês de junho, Samuel convida Bruno para participar da primeira manifestação em peso de motoboys no Brasil e Bruno, apesar de muito receoso, aceita a proposta. Antes de buscar seu parceiro, no dia em questão, Samuel percebe que as ameaças ainda não cessaram e teme por sua vida, contudo não consegue se expressar em relação a isso. Chegando na manifestação, o clima está tranquilo, porém percebe uma movimentação de um grupo suspeito de motoqueiros. Depois de alguns instantes, ouve-se um disparo e Samuel cai de sua moto. É baleado no peito. Consequentemente, os motoboys, já tensos com o cercamento da polícia e com uma polarização política no grupo, entram em caos. Percebe-se, então, que existe um grupo minoritário bolsonarista que poderia estar portando armas.

Como havia uma ambulância próxima ao ato, Samuel é logo socorrido e Bruno o ajuda no que consegue, mas permanece em estado de choque. Ao partir da ambulância, Bruno percebe que ficou com o celular do parceiro e acaba por entender a origem e a motivação do crime. Por isso, pega a moto e busca por Borges no meio da confusão. Em alguns instantes, ele visualiza a figura do agressor, sozinho, em fuga, e, depois de alguns segundos, avista um grupo de entregadores seguindo para a mesma direção.

Após percorrer várias quadras, Bruno se perde e não consegue localizar nem Borges, nem os outros entregadores. Em seguida, entra em uma rua deserta e acelera. Antes que pudesse perceber, colide com outra moto e, por coincidência, era a de Borges. Os dois voam: Bruno cai em uma espécie de gramado e rola, porém não sofre ferimentos graves; Borges bate em um poste e fica inconsciente por alguns segundos. Bruno, então, se levanta e caminha em direção ao cenário do acidente e depara-se com Borges caído no chão, prestes a abrir os olhos. Ao agressor se dar conta do que havia ocorrido, tenta intimidar o garoto enquanto se arrasta e procura recorrer a sua pistola largada no asfalto. O que acontece em seguida é uma interrupção a uma nova investida da pistola, isto é, o rapaz consegue dar um pontapé no instrumento mortífero e o arremessa para longe.

Por fim, Bruno faz uma chamada ao SAMU, afasta-se de Borges, espera o antagonista ser socorrido e vai embora. E, então, o que se dá conta é de que se ele não tivesse se chocado contra Borges, este poderia ser linchado pelo grupo de entregadores que buscavam justiça.

Tendo este recorte em vista, é necessário apontar que foram feitas algumas alterações em trechos desse texto. Acredito que o mais relevante foi a troca de ações dos personagens protagonistas, sendo que Samuel deixa de receber o disparo no momento do “Breque dos Aplicativos” e sofre uma paulada na cena do beco ermo e Bruno recebe um tiro em seu ventre e passa ileso no momento do beco. Tal mudança pode ser justificada com a premissa de dar crédito à figura do motoboy na história. Além disso, o peso do linchamento dos motoboys ao grupo bolsonarista se arrefeceu um pouco na versão final da história, apesar de estar presente.

Sequências esboçadas



Reservei este espaço para comentar um pouco sobre a criação das sequências de quadro-a-quadro que fiz. Como expus anteriormente, fazer tais rascunhos foi uma ótima ferramenta para se entender como contar a história e, aqui, trouxe um teste que produzi para enunciar como seria o primeiro encontro dos protagonistas. Não se trata de algo definitivo, mas ajuda a moldar um pouco mais sobre as possibilidades de experimentação.

Uma noção que pus em teste nas figuras ao lado é o cambiar de universos, estar em um quadro retratando um personagem e, logo após, pensar no outro e assim sucessivamente até eles se encontrarem em um mesmo meio.

Figura 35: esboços de cenas em que os protagonistas se encontram.

Este rascunho corresponde à penúltima e última páginas do primeiro capítulo e é interessante notar como a disposição das informações se modificou, condensando momentos e distorcendo quadros a fim de encontrar uma maneira adequada a expressar a devida dramaticidade do enredo.

Resultados

Antes de continuar a leitura desta monografia de Trabalho de Conclusão de Curso 2, recomendo ao leitor que tenha em mãos a história em quadrinho Apelo de forma a facilitar o acompanhamento da descrição técnica do material em questão. Levando isso em consideração, haverá, abaixo, a pontuação estética do quadrinho separada em quatro partes (estilo, diagramação, tipografia e cores) e logo após, o detalhamento dos objetivos principais de cada página da história.



Figura 36: definição da linguagem visual em duas páginas piloto.

A figura 36 acima apresenta páginas pilotos defendidas como expressão da identidade visual da história em quadrinhos defendida na banca de Trabalho de Conclusão de Curso I.

Estilo

Optei pela ilustração digital por ser uma técnica pouco explorada durante minha graduação e por ser utilizada na maioria das histórias em quadrinhos que tomei como referência ou que tive contato. Ou seja, desde o início deste projeto, busquei um aperfeiçoamento nos traçados digitais e pude contar com uma ampla experimentação neste âmbito.



Figura 37: 1. textura próxima ao lápis; 2. textura que imita um giz ou pulverizador; 3. textura de retícula; 4. textura de borrão ou esfumada; 5. textura de aquarela; 6. textura chapada (mídia digital).

Ao utilizar o programa Adobe Photoshop, criei várias páginas e composições com mais de um tipo de pincel digital, aproximando-se de texturas aquosas, secas e mistas, muitas vezes sobrepostas. A figura 37, ao lado, enumera algumas das texturas presentes no quadrinho.

Outra característica que pode ser observada é a alteração dos traços conforme o enredo foi se constituindo, pois sinto que obtive evolução e desenvolvimento em meu traçado. Tal fato se justifica principalmente por este trabalho ser meu primeiro projeto na linguagem de história em quadrinhos, apesar de muitos quadrinistas profissionais também relatarem que passaram por alguma transformação estética em seus traços ao longo do tempo de trabalho.

Tipografia

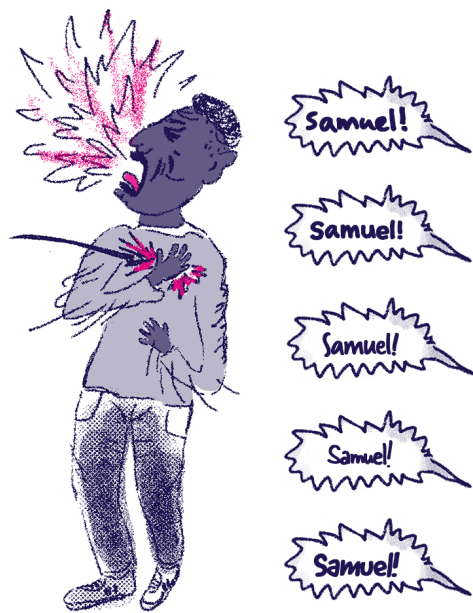


Figura 38: estudo de aplicação de tipografias.

Com a finalidade de definir uma tipografia adequada ao meu quadrinho, fiz um exercício de selecionar 5 fontes distintas (sendo elas a Felt Tip Woman, a Sketchnote, a Verveine, a Skippy Sharp e a Good Dog New) e aplicá-las em balões ao lado de uma ilustração de um personagem. A figura 38 à esquerda representa justamente o resultado do exercício, no qual observei o contraste e o diálogo de cada aplicação tipográfica com a expressividade da cena e da

formatação dos balões. Esta imagem está relacionada à cena do disparo, porém é apenas ilustrativa e não está presente nos quadros finais. Dentre as cinco opções acima, a que mais me cativou foi a Felt Tip Woman, por parecer estar mais próxima ao estilo manuscrito e por conter ângulos e inclinações fechados, tornando as letras menos arredondadas e mais orgânicas. Posso dizer até que isto representa um certo grau de informalidade que busquei evidenciar no discurso das personagens, e assim, aproximar-me de uma linguagem coloquial, pois, em suma, segundo Eisner (1989), o letreiramento reflete a natureza e a emoção da fala.



Figura 39: exemplo de uso de *lettering*.

Outro recurso muito próprio da linguagem de histórias em quadrinhos que está muito presente na minha narrativa visual é o *lettering*. Ele está muito relacionado a efeitos sonoros, compondo onomatopeias e letras de músicas, a expressão gráfica de marcas fictícias, a pixos, a linguagem manuscrita, entre outros aspectos.

Cores

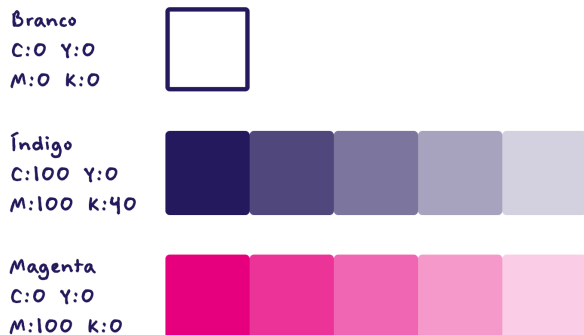


Figura 40: descrição em porcentagem sobre a composição das cores para impressão, obedecendo o padrão ciano, magenta, amarelo e preto.

Os principais matizes da minha composição são o índigo, o magenta e o branco. Os dois primeiros possuem um gama de variações e nuances, pois foram decompostos a partir da opacidade de suas aplicações, podendo oscilar de 10 a 100% (tendo as porcentagens 20%, 40%, 60%, 80% e 100% mais comuns). Sendo assim, a história em quadrinhos Apelo, pode ser impressa tanto em CMYK, impressão por quadricromia (com base ciano, magenta, amarelo e preto como pigmentos primários) quanto em PANTONE por bicromia. Os códigos por CMYK seriam 100% de ciano, 100% de magenta e 40 % de preto para o índigo e 100% de magenta para o magenta. Pela lógica Pantone, o índigo teria o código PANTONE 273 C e o magenta PANTONE Rubine Red C ou PANTONE 219 C. O branco por fim, não seria um pigmento, pois corresponderia ao suporte de aplicação da tinta, sendo ele de preferência um papel de coloração clara branca ou próxima.

O índigo foi usado como cor estruturante da linguagem, construindo os ambientes e cenas (como em ruas, paredes, bares, edifícios, etc) e caracterizando os personagens (aparecendo em suas peles, em seus cabelos, em suas roupas, em seus acessórios, etc). Tais características podem ser observadas a partir da figura 41 abaixo, que ilustra tanto as personagens, quanto a rua Basílio da Gama, próximo à Praça da República, no centro da capital paulista. As nuances do índigo foram inspiradas na já comentada história de Tamaki (2014), a qual captou o meu olhar por quebrar com o padrão usual da cor preta como principal matiz utilizada no clássico design de quadrinhos. Ou seja, aqui o preto é substituído pelo índigo e seus tons de opacidade também aparecem para dar suavidade no detalhamento das composições. Levando em consideração que esse tipo de azul é um pouco acinzentado, isto é, contém alguma porcentagem de preto, posso dizer que ele ajuda a compor o semblante de “selva de concreto” que a cidade de São Paulo possui quando tento registrar suas faces (também evidentes nas figuras).



Figura 41: ilustrações de cenários paulistanos.

O segundo matiz foi selecionado para ser uma cor que desse importância a detalhes fundamentais da história e justifico-o utilizando a obra de Julie Maroh (2010) como referência. Em vez do azul, próximo ao ciano, que ela utiliza em sua linguagem, elegi a cor magenta, pois creio que faz um belo contraste e uma contraposição interessante com o índigo escuro. Creio, também, que uma cor chamativa como esta pode intensificar as emoções das personagens, como em um momento de ira, de afeto, ou de importância sentimental, além de dar força a uma situação ou criar atmosferas, como vista na figura 42. Outra potência desta cor pode ser reparada como um elemento que contesta a sobriedade de matizes e tons da gama do azul que socialmente tende a compor o universo de uma masculinidade dita como “neutra e racional e, assim, posso discutir sutilmente a complexidade da formação do gênero e da sexualidade padronizadas socialmente, exemplificada nas imagens 42 e 43, já que minha história se passa em um contexto marjoritariamente masculino, pois a grande maioria dos motoboys são do gênero masculino. Para concluir, digo que o magenta também tem o papel de detalhar o ambiente e os personagens como o índigo, porém o utilizo com o propósito de dar algum destaque ou dar equilíbrio cromático à composição, dependendo da situação.



Figuras 42 e 43 : abraço entre Bruno e Samuel e militância LGBTQIA+.

Ao definir esta paleta, posso afirmar que foquei em um equilíbrio que na maioria das vezes se alinha pela contraposição, como se o magenta nunca tocasse o índigo. Entretanto, ao pintar de fato cada espaço delimitado pelos meus contornos, constatei que as cores acabariam por se cruzar e isso realmente ocorreu: matizes púrpuras, roxas, lilases e violáceas surgiram em instantes em que a bicromia (ou policromia simbólica) fosse necessária ou quando a explosão do magenta não desse tempo do índigo se diluir. É possível visualizar tais justificativas levando em conta as figuras 44 e 45.



Figuras 44 e 45 : violência física contra Samuel e retirada de flores no Largo do Arouche.

Diagramação

Elaborei páginas com diferentes arranjos gráficos, pois acredito que uma história em quadrinhos que trabalha com diferentes ângulos da cidade, que traz um dinamismo a partir da representação de um meio de transporte como a motocicleta e exibe cenas de ação, necessitaria de uma certa versatilidade em sua composição, apelando à assimetria, ao contraste e ao uso de diagonais em determinadas situações.

Na imagem abaixo (figura 46) estão dispostos alguns exemplos de composição, onde existem estruturas lineares e regulares, assim como irregulares e mistas, as quais foram projetadas para dar o devido tom dramático às cenas de acordo com o contexto da narrativa. Momentos mais intensos e enérgicos vão tender à instabilidade e outros mais calmos podem dar mais informações e ambientar o leitor de uma forma mais clara, “o que acontece é que embora a clareza e a intensidade possam andar de mãos dadas, você só consegue realçar um deles se diminuir a ênfase sobre o outro” (McCloud, 2008), por isso sempre haverá algum tipo de variação de ordem formal entre as páginas. Estes exemplos de 8 páginas, abaixo, formam apenas alguns tipos de composição que estão presentes em todo o quadrinho, e não são os moldes exatos de todas as páginas, mas dispostos lado a lado tem a força de indicar a diversidade em termos de diagramação que a narrativa de Apelo propõe.



Figura 46 : estudo de diagramações das páginas 15, 77, 42, 7, 9, 13, 17, 16.

Levando isso em consideração posso esmiuçar algumas lógicas de organização informacional que aqui trago: acredito que os modelos de páginas como as de número 15, 77 e 42 trazem uma certa espontaneidade, energia, ritmo e movimento; enquanto as de número 1, 7 e 10 são mais rígidas, frias e regulares; e as de número 3 e 11 seriam um meio termo. Ou seja, cada uma delas reflete alguma forma de vantagem ao enredo.

Disposições como a página 9 podem enfatizar a sinuosidade da movimentação dos personagens, em uma divisão espacial onde se tem o protagonismo e a ação dos personagens em um plano central e uma ambientação do local da cena em um plano

adjacente, o que confere uma harmonia e um quê de divertimento ao momento ilustrado. Já as páginas 77 e 42 possuem elementos centrais que dão assimetria ao que se passa ao redor da página: enfatizam um plano ou planos no coração da página e refletem como o entorno é subordinado à centralidade. A presença da diagonal na página 61, é forte, pois dá destaque ao impacto sonoro do disparo e, da mesma forma, funciona como se rasgasse o protagonista ao meio em diferentes facetas, apontando o direcionamento de Bruno à parte inferior, o que está associado à sua queda e ao seu trágico desfecho. A página 42 traz a diagonal como um elemento que estraçalha o curto tempo de duração do instante em questão em cortes assimétricos, dando potência à homofobia desde o impacto da violência física atuada de Borges a Samuel.

As páginas 13 e 16, ao contrário das recém analisadas, refletem uma regularidade modular como uma vantagem estrutural, pois seus objetivos centrais são caracterizar o personagem Bruno, em seus gostos e rotina de forma clara. Não é necessário a assimetria e desbalanceamento visual, pois não um ápice dramático, tampouco nenhuma movimentação abrupta do personagem em questão. O quadro, segundo Eisner (1989), “na configuração convencional, é usado com parcimônia. Tenta-se uma síntese de velocidade, ação de múltiplos níveis, narrativa e dimensões do palco”. Em outras palavras, a estabilidade dá sustentação e fundamentação a composições mais singelas e permite a outras páginas mais carregadas de emoção a extravagância da irregularidade. A página 7 se enquadra na mesma grelha morfológica da página 13, considerando-se modular. O que me faz destacá-la neste espaço é o seu manejo de espaços em branco, sendo supervalorizados para criar uma atmosfera mental sem conexão a nenhum espaço físico ou temporal.

Para finalizar, evidencio as páginas 9 e 17 cujas suas diagramações contêm aspectos mistos em relação às outras duas categorizações que enumerei, por se encaixarem em um modelo regular desconstruído ou conterem aspectos assimétricos. A página 9 é, de certa forma, excêntrica por romper em seu início uma diagonal com os demais quadros. Segundo Eisner (1989), quando isso ocorre, de um quadro ser rompido, a imagem superdimensionada ganha um certo sentido de força ou até mesmo de ameaça. Neste caso, minha intenção foi exaltar a figura do motoboy e já emplacar a aparição de Samuel e, enfim, iniciar sua trama. Todavia, se o foco for dado aos outros elementos, é possível ver uma proporção de dimensionamento entre eles, apesar de existir alguma variação em termos de altura ou largura dos quadros, botando-os em certo ritmo e cadência narrativos mais padronizados. Já a página 11 tem sua essência mista, porque, por um lado, mostra-se cheia de diagonais com quadros desproporcionais (o que estabelece dinâmica e uma cadência rítmica); e por outro, revela-se como molde regular quadriculado, porém distorcido, melhor dizendo, é como se as diagonais ao serem traçadas, tensionassem cada quadro antes total ou parcialmente isométricos em medidas desproporcionais.

Descrição das páginas

Definidas as diretrizes formadoras da estética da minha linguagem visual do meu projeto de história em quadrinhos denominado Apelo, prossigo à justificativa de cada página, levando em conta os aspectos já definidos anteriormente (estilo, tipografia, cor e diagramação). Posso dizer, então, que a fusão desses atributos me serviram de instrumento para fortalecer os recortes de cenas que proponho combinados à linguagem escrita (como narração e fala das personagens). Recomendo seguir tendo em mãos a história Apelo para auxiliar a compreensão da descrição de suas páginas.

Criei, primeiro, os capítulos inteiros com seus quadros e transições de cena e, depois, costurei as páginas de iniciação de capítulo, além de capa, folha de rosto e folhas transicionais. A descrição abaixo está mais relacionada ao primeiro passo, no qual, claramente, há mais detalhes sobre o desenvolvimento da trama. Após terminar o primeiro passo, a capa foi constituída pela ilustração e caracterização dos protagonistas e cada capítulo possuiu um símbolo em específico que combinasse com sua elaboração: um celular (capítulo 1), que indica o ambiente virtual do aplicativo Apelo; uma caixa de ferramentas (capítulo 2), relacionada à profissão do vilão; a quebra da corrente da moto (capítulo 3), que constrói a metáfora da violência e homofobia; a roda da motocicleta (capítulo 4), relacionando-se à manobra do grau; a *bag* (capítulo 5), que é um item essencial ao entregador; e a flor-de maio (capítulo 6), que representa a renovação e superação de opressão. Todas estas páginas iniciais são tingidas por índigo, menos a última que é composta em magenta, combinado

com seu símbolo, antecipando seu final e dando energia e vivacidade a um capítulo bem dinâmico.

Capítulo 1: Apelo

Visa mostrar o encontro dos dois protagonistas de classes sociais distintas; pontuando um pouco do dia a dia deles, de seus contextos e quotidianos; busca a introduzir o tema do trabalho precário dos motoboys; além de contextualizar a cidade de São Paulo a partir de noções de espaços públicos e privados. O capítulo 1 é praticamente dividido em dois: a primeira parte se destina mais ao universo de entregas de Samuel e a segunda mais ao contexto de Bruno. A transição é feita pelas páginas 12 e 13, através do aplicativo Apelo.

Página 7: introduz a temática do trabalho informal por meio de falas de motoboys para o acercamento do leitor às dificuldades da profissão; usa a metáfora da “abertura da caixa de Pandora” para iniciar a narrativa, ao passo que estabelece uma ponte visual com a página 8 através do elemento sensorial do aroma da comida, feito através da textura esfumada do magenta; e tece uma crítica social à empresa iFood, pelo trocadilho “iFode”, trazendo um teor negativo à mesma.

Aqui gostaria de salientar dois pontos referenciais: um, a sustentação de uma interdependência entre palavra e imagem, como define McCloud (2008), a fim de valorizar conceitualmente a introdução da temática dos motoboys; dois, uma diagramação que valoriza o espaço em branco, com a ausência do quadro como

define Eisner (1989), com a finalidade de enaltecer a mensagem ou a abstração, ausentando-se de perspectivas temporais e espaciais.

Página 8: tem o objetivo de atrair o leitor pela harmonia e variedade das cores, texturas e formas que os alimentos possuem e pelas onomatopeias relacionadas ao processo de preparo da comida, tendo a premissa de estar próxima a um comercial de alguma lanchonete ou restaurante (como por exemplo o McDonalds ou o Burger King), enquanto demonstra a preparação de um lanche; e ambienta o imaginário das entregas, estabelecendo uma ligação entre a primeira e a terceira página. Como referência teórica posso ressaltar, aqui, a importância visual que Eisner (1989) implica na configuração das primeiras páginas de um quadrinho como essencial para o engajamento do leitor à narrativa.

Página 9: relaciona-se à página 8, pela aparição dos alimentos, rodeados pela textura do aroma através do pincel de pulverização em cor magenta; introduz a figura do motoboy, colocando-o em destaque, de forma amplificada e sobresaliente em relação aos demais quadros, de maneira diagonal já no início da página, e o ambientando por meio de seu trajeto de entrega e de problemas ligados ao cotidiano inerentes à profissão; faz o uso da interface visual do aplicativo de entregas para simular uma reportagem de um perigo na via (que por sua vez, é indicado pelo traçado reticular), e assim, buscar uma aproximação ao leitor; ilustra o cenário urbano de São Paulo através de elementos de trânsito ou de ordem comercial; e traz o símbolo da bandeira arco-íris para dar uma pista sobre a temática LGBTQIA+ a ser abordada futuramente.

Página 10: inicia a abordagem da personagem Carla, quem é destacada de forma superdimensionada, assim como Samuel na página anterior, e quem auxilia a retratar uma realidade de trabalhadores com baixos salários em uma cidade brasileira como São Paulo que possui um alto custo de vida; mostra mais uma faceta do processo de entregas por aplicativos, no qual o entregador tem o contato com o cliente presencialmente; evidencia a interface visual do aplicativo de entregas, sinalizando o destino final da encomenda; e ambienta o espaço urbano paulistano, citando a Praça Roosevelt.

Em termos de composição, posso afirmar que a página possui uma cadência vertical, em que se aproxima mais de Carla conforme se desenvolve, partindo do ambiente em que se situa para a realidade da personagem. É possível notar que de acordo com Eisner (1989), “o número e o tamanho dos quadrinhos também contribuem para marcar o ritmo da história e a passagem do tempo”, ou seja, quanto maior o quadro, nesse caso, mais contextual e amplo em termos de espaço e tempo ele é e, quanto mais estreito, mais próximo ao íntimo de Carla ele se torna.

Destacando o estilo, posso pontuar a textura de folhagem usada nas árvores e o pincel pulverizado para atender à fumaça que sai do cigarro de Carla.

Página 11: apresenta os personagens Samuel e Zipo como motoboys; evidencia a etapa de pagamento ao entregador, revelando altos impostos sobre os produtos que o cidadão brasileiro paga em qualquer transação econômica; representa mais uma vez o espaço urbano da cidade; e transiciona para a página seguinte (12) através da interface do aplicativo de relacionamentos Apelo.

No âmbito de diagramação, essa página é bem regular, pois tem sua divisão vertical simétrica na proporção de um terço e, horizontalmente, os quadros apresentam equilíbrio, apesar de existir alguma variação em suas dimensões. Além disso, não há diagonais, nem cortes abruptos de cenas. Em termos de uso de tipografia, vale apontar o *lettering* usado para sinalizar o toque do celular de Samuel, que mais parece um ruído de moto, o que, por sua vez, ajuda a caracterizar melhor o personagem. Outro recurso que começo a usar a partir desse momento, na história, é o destaque a uma informação relevante com o pincel de cor chapada como se fosse um jeito de marcar o texto.

Página 12: apresenta o perfil de Samuel no aplicativo Apelo, como uma forma de aprofundamento inicial do protagonista; ambienta esse meio digital com base em fotos, descrições do usuário e ícones que remetem a ferramentas como o *chat*, os *matches* e à porcentagem de afinidade com outros perfis; e passa à próxima página, vinculando um protagonista ao outro através da conectividade virtual.

Levando em consideração a sua estrutura organizacional, posso afirmar que aqui se tem outro modelo de página regular, sendo esta mais padronizada que a anterior, pois ela apresenta uma modulação e uma simetria na formação das medidas de seus quadros. Diferentemente da página 11, esta detém uma divisão vertical na proporção de um quarto e uma divisão horizontal na proporção de um terço, o que leva ao formato quadrado de cada módulo.

Página 13: apresenta o perfil de Bruno no aplicativo Apelo, como uma forma de aprofundamento inicial do protagonista; aborda as ambições profissionais dele em relação à carreira de medicina; ambienta esse meio digital com base em fotos, descrições do usuário e ícones que remetem a ferramentas como o chat, os matches e à porcentagem de afinidade com outros perfis; e transiciona do espaço virtual à realidade de Bruno, que será situada na página seguinte (14) ao espaço físico do Parque Ibirapuera.

Em termos de diagramação, esta página também se caracteriza pela regularidade e modularidade, seguindo praticamente a mesma formatação da página anterior (13).

Página 14: faz a passagem da interface digital do aplicativo de relacionamento Apelo ao espaço físico do Parque Ibirapuera; ingressa Bruno como o segundo protagonista da história, fazendo a sua contextualização por meio de um recorte da cultura skatista paulistana.

Diagramando a página, obtive dois ritmos, um mais lento e outro mais agitado. Para denotar um momento de descanso e pausa e, ao mesmo tempo, ilustrar o espaço em questão, configurei os quadros iniciais para serem mais largos. Em seguida, fiz os quadros menores, montados em *closes*, para dar partida a um certo dinamismo que também é explorado na página sucessora (15), e manifestado por uma sequência de passo-a-passo, de “ação-a-ação” como define McCloud (2008).

Página 15: constrói o personagem Bruno através de um recorte da cultura skatista paulistana e cita mais uma vez sua ambição profissional; representa o espaço

urbano do Parque do Ibirapuera; e busca capturar a atenção do leitor por meio da representação espacial da Ladeira da Preguiça.

Em relação a construção da página, posso relatar que a organização das informações é muito fluida, seguindo bem o formato do espaço a ser representado, o que, conforme já foi apontado no subcapítulo de diagramação, reflete à situação um ar de divertimento e energia.

A cor magenta, neste cenário, destaca principalmente a sinalização do espaço, possuindo a função de caracterizar o espaço de forma secundária.

página 16: contextualiza Bruno, evidenciando seus passatempos, a atmosfera de sua casa e sua rotina de estudos vinculada ao curso pré-vestibular; retrata um espaço urbano paulistano, sendo ele um dos portões do parque Ibirapuera; e traz o ambiente virtual de dois aplicativos, do Apelo no qual aparece uma mensagem de Samuel (no segundo quadro) e o do iFode no qual será feito o pedido de hambúrguer de Bruno (no último quadro).

Como citado anteriormente no subcapítulo de diagramação, aqui se dispõe uma organização modular da página, configurada em uma proporção de um quarto de largura para um quinto de altura. Logo, tendo este grid em consideração, aumentei a imagem de Bruno em repouso em uma das cenas (com proporção de 2:2 em unidade de módulos), para alongar o tempo do momento e dar a sensação de letargia pós exercício, e a combinei com quadros mais horizontais (com proporção de 3:1 e 2:1 em unidade de módulos), junto quadros unitários para dar cadência e tirar possíveis

ambiguidades ao se referir à ordem de leitura. Assim, a primeira parte da página se constituiu com momentos mais longos e lentos e a segunda parte ganha um ritmo tedioso com vários quadrinhos repetitivos e regulares sem mudança de cenário. No que se diz respeito às cores, a variação de tonalidades de índigo em consonância ao formato quase quadrado ajuda a traçar a monotonia da rotina e o magenta, pouco presente, ressalta um ou outro ponto que traz emoção ao protagonista: a resposta de Samuel, o pirulito em forma de coração (ao lembrar de uma atividade esportiva que lhe interessa), e sua fome. Uma outra função do magenta é auxiliar na sinalização de locais. A textura do pincel *spray*, ajudam tanto a salientar a virtualidade do azul da televisão, quanto do gosto salgado da pipoca ou a fome e o aroma do lanche na cor magenta.

Página 17: contextualiza Bruno, ao detalhar sua moradia, ações quotidianas e seu pertencimento social a uma classe média alta; ambienta o espaço urbano da cidade de São Paulo, tendo a aparição de locais em Moema, como a Igreja Nossa Senhora de Aparecida e a estação do metrô Moema; e destaca o ambiente virtual usado pelo entregador, por meio da inserção do dispositivo de geolocalização do iFode e da interface visual do *chat*, por onde acontece o diálogo entre os protagonistas.

Em termos estruturais, esta página busca dar dinamismo aos acontecimentos, podendo ser demonstrado através da presença de diagonais intercaladas que compõem os quadros. Como dito anteriormente, no subcapítulo de diagramação, a página 17 é formada a partir da desconstrução de uma grade regular, pois suas diagonais acabam distorcendo as dimensões dos quadros e as larguras destes são deslocadas, não estando pareadas com os demais quadros no eixo vertical.

Em âmbito cromático, o degradê de índigo serve como marcador temporal, alinhando-se ao entardecer e aumentando o suspense do enredo antes do primeiro encontro dos protagonistas. O magenta funciona como cor secundária, estando presente na atmosfera musical, no alfinete de geolocalização e na angústia de Bruno.

A música citada na página é a “I don’t know how to love” da banda The Drums, que explicita uma reflexão sobre o não saber amar, indicando uma confusão sentimental que está prestes a ocorrer entre os protagonistas.

Página 18: mostra, enfim, o primeiro encontro presencial entre os protagonistas e, por portanto, o choque de expectativas geradas pelos dois; trabalha com a ideia de machismo e de homofobia internalizados em Samuel, ao demonstrar seu problema em lidar com afeto em público em relação à figura de Bruno, outro indivíduo do sexo masculino. O machismo se justifica pelo fato do afeto entre homens ser encarado como vulnerabilidade e fraqueza masculina, como aponta Kimmel (1997); e concomitantemente, a homofobia interna é uma maneira de Samuel projetar suas angústias sobre sua homossexualidade em Bruno.

Quanto a recursos de elaboração de roteiro, selecionei a ferramenta “gancho” para encerrar o capítulo. Tal artifício se define pela criação de “situações cruciais que só se resolvem no capítulo seguinte” (Comparato, 2000), ampliando o suspense e tendo a função de “evitar que o espectador perca o interesse” (Doc Comparato, 2000) na narração. E, o que ocorre na minha história é que o gancho traz a dúvida ao leitor sobre a existência de um novo encontro dos protagonistas.

Outros aspectos técnicos a serem mencionados são: em termos cromáticos, o magenta salienta momentos de sentimentos profundos, como quando Samuel se envergonha ao ver Bruno e quando há o abraço de Bruno a Samuel; em termos tipográficos, a força do *letting* “zummm”, em zigue-zague, relativo ao som do ronco da motocicleta, mistura-se com a fumaça do escapamento, fortalecendo o sentido de fuga de Samuel; em termos estilísticos, a textura de retícula em magenta significa, mais uma vez, situações de perigo e ou de emergência.

Capítulo 2: Mundo das Motos

Tem a premissa de resolver o gancho do primeiro capítulo e dar continuidade à história, revelando algumas dificuldades enfrentadas por motoboys no dia a dia de sua profissão, como a falta de manutenção de suas motocicletas e como acidentes que possam ocorrer a partir de avarias. Além disso, é neste momento em que se inicia a problemática central que os protagonistas irão enfrentar, a aparição de Borges (o antagonista) imerso no contexto das “motociatas” (ato representante de um ideal conservador de ultradireita que assola o Brasil). Ou seja, é a partir de então que o tecido dramático começa a se engendrar efetivamente. Outros pontos a serem destacados são: a exploração do universo das motos no centro da cidade; ambientações dos protagonistas e do antagonista; e novos usos do aplicativo Apelo.

A partir deste capítulo, vou me concentrar em descrever apenas os aspectos estéticos e técnicos relevantes, evitando me perder em detalhes e trazer pontos repetitivos aos parágrafos.

Página 21: aprofunda mais a amizade de Samuel com Zipo, quando o protagonista confessa ao amigo que se interessou romanticamente por Bruno; amplia a caracterização do personagem Zipo, ao expor um pouco de sua história; dá mais detalhes sobre a profissão de Carla; faz uma crítica social com tom jocoso à empresa McDonald's, relatando a insatisfação de Carla em trabalhar no local; e aponta mais uma etapa das entregas realizadas por um motoboy, sendo ela a retirada do lanche. Acerca da disposição dos quadros, posso situar esta página dentro de padrões de leitura regulares. Porém, o que gostaria de explicitar é que ela sofreu algumas alterações nas larguras de seus quadros. A figura 48 acima, aclara justamente esta questão, onde pode se ver uma intercalação do posicionamento dos quadros com quinas em forma de "t" em suas sarjetas. A justificativa para tal arranjo é evitar o que ocorra ambiguidade de sentido de leitura na página (exemplificado na figura 47 segundo McCloud [2008]), uma vez que alguns quadros podem ter dimensões próximas.



Figura 47 e 48: recorte de quadro de McCloud (2008) e exemplo de intercalamento de dimensões de quadros.

Página 22: avança a narrativa ao reatar a conexão de Samuel e Bruno. Isto ocorre em meio a trocas de mensagens através do aplicativo Apelo, evidenciando mais uma vez o ambiente virtual. Outro destaque a se fazer é a contextualização direta do espaço físico do curso pré-vestibular de Bruno, composta pelas cadeiras enfileiradas as quais se direcionam à figura de um professor.

Em termos cromáticos, cada personagem, nesta página, corresponde a um tom de índigo, o que auxilia na distinção de falas e cenários.

Quanto à diagramação, um aspecto novo é o serrilhado que divide o local de Samuel e Bruno, na segunda parte da página, buscando expressar um estado de tensão que “está relacionado com a sonoridade áspera associada à transmissão de som do rádio ou do telefone” (Eisner, 1989).

Página 23: há encontro presencial dos dois rapazes, em que suas diferenças físicas ficam claras; e surge a figura de Borges discretamente pelo aplicativo Apelo, ocorrendo a primeira ameaça de violência a Samuel enquanto este troca mensagens com Bruno . A cor magenta, neste contexto, chama a atenção do leitor para a agressividade do tom de ameaça do vilão.

Página 24: nota-se, nos protagonistas, enfim, a sensação de afinidade e superação das diferenças, ressaltando a verdadeira conexão entre eles; mostra-se a atmosfera da motociata (contexto bolsonarista antidemocrático) e seu posicionamento político; além de tocar na problemática do sucateamento da moto do entregador, advindo da falta de manutenção da mesma. Segundo Antunes (2020), uma possível

explicação para este último ponto seria o fato de as empresas de *delivery* não arcarem com as despesas técnicas do empregado. O que acontece como consequência é que tal trabalhador acaba tendo a principal ferramenta de trabalho comprometida, pois, muitas vezes, utiliza de seus ganhos monetários para suprir outras necessidades básicas ou de ordem emergencial.

No que se refere à diagramação, sua composição se espelha na página 17, ou pelo menos sua metade superior, pois a inferior contém quadros flutuantes e elementos dispersos e dinâmicos.

Em termos de cores, há um bom balanceamento, intercalando fundos claros com escuros. Traços sinuosos com a textura porosa em magenta simbolizam o bem estar dos protagonistas no momento em que eles finalmente conseguem aproveitar algum tempo juntos. Dou relevância à coloração invertida da bandeira nacional que ganhou um ar mais sombrio (trocando o verde “da natureza” pelo índigo mais mórbido e o amarelo da “riqueza” pela violência do magenta), junto a um degradê que se adensa conforme se aproxima da motociata, revelando um ambiente carregado e tóxico. E, como adendo, destaco a aparição do primeiro balão em fundo escuro, o que passa a simbolizar falas de ódio e preconceito no quadrinho.

Página 25: configura-se como página de transição do encontro dos protagonistas à aparição do antagonista. Tem a finalidade de atrair visualmente o leitor, ao mesmo tempo em que apresenta a rua General Osório, onde há alguns elementos paulistanos como placas de ruas e fachadas de lojas, e aspectos destinados ao universo de motoboys e motoqueiros como vestimentas e acessórios. Também é relevante

destacar que existe um quê de cultura nerd e gamer, ao descrever cada peça de vestuário como se fosse uma parte de uma armadura com atributos de batalha em um jogo de tabuleiro. Outro ponto que merece importância é o registro de preços médios destes itens, os quais trazem mais verossimilhança ao tempo da história.

No que se refere ao uso da tipografia, vejo que os desenhos de letreiros e fachadas de lojas revelam um pouco sobre a cultura visual popular da cidade. Sinto como se esta composição fosse uma pequena galeria de referências imagéticas da história que protejo.

Página 26: configura-se como página de transição do encontro dos protagonistas à aparição do antagonista. Assim como a página anterior (25), tem a finalidade de atrair visualmente o leitor, ao mesmo tempo em que apresenta a rua General Osório, fazendo a sua ambientação. Encontra-se, assim, características simbólicas da capital paulista como o “piso paulistano” e as placas de identificação de ruas. Além disso, aqui também há a menção à cultura nerd e gamer por citar um acessório que faz menção ao personagem de ação Batman.

Página 27: traz a aparição do antagonista enquanto configura o seu ambiente de trabalho, uma oficina mecânica, e explora a figura de Carla, evidenciando sua troca de emprego. Além disso, a página apresenta o símbolo da corrente de moto quebrada cuja presença será dada em momentos com conotação de violência física ou homofobia. A novidade, portanto, está no fato do quadro ganhar um formato fora do convencional, e logo, poder se

tornar parte da história em si. Ele pode expressar algo sobre a dimensão do som e do clima emocional em que ocorre a ação, assim como contribuir para a atmosfera da página como um todo. O propósito do requadro não é tanto estabelecer um palco, mas antes aumentar o envolvimento do leitor com a narrativa. (Eisner, 1989)

Em termos tipográficos, interessa-me assinalar a fachada da oficina mecânica, já que se insere como elemento consonante às identidades visuais das outras lojas da rua General Osório e manifesta a expressão gráfica e popular paulistana como destrinchado na descrição das páginas anteriores (25 e 26).

Página 28: relata o primeiro encontro entre os protagonistas e o antagonista no qual apenas o último sabe quem são os seus adversários; trabalha a construção de Borges, o torvo bolsonarista, sendo ele machista em relação à Carla ao dizer que mulheres não devem exercer o conserto de motos e ao proibi-la de fazê-lo; e, mais uma vez, explora a situação precária laboral do motoboy, já que este tem pouco orçamento para realizar revisões periódicas, optando por confeccionar gambiarras para o funcionamento de seu veículo profissional.

Além disso, a página apresenta o símbolo da corrente de moto quebrada cuja presença conota violência e homofobia. Assim como a página anterior (27), a corrente delimita arestas de quadros, serpenteando pela composição, o que gera uma movimentação ao olhar do leitor e evoca semioticamente o funcionamento mecânico da motocicleta.

Em relação à aplicação dos matizes, posso dizer que os tons escuros se mostraram presentes sobretudo no cenário e no vilão. Em referência ao fundo, a textura do grafismo do pincel em conjunto com as nuances mais densas construíram um ambiente hostil, sombrio e sujo (próximo à graxa, ligada à esfera mecânica), apesar do balanceamento de espaços claros preenchidos pelos protagonistas e por Carla. Tendo tal aspecto definido, resultou que não apliquei o índigo supersaturado como cor preenchedora dos balões e, em vez disso, grifei as palavras malditas por Borges em magenta, para dar contraste à fala.

Página 29: evidencia a homofobia por parte do antagonista, em forma de pensamento e de forma verbal, ao questionar a presença dos protagonistas, em sua oficina; traz a problemática do homoafeto público, que reverbera de forma incômoda tanto a Samuel quanto a Borges, traçando uma ligação e similaridade entre o protagonista e o antagonista; e há a indignação de Carla perante ao preconceito estabelecido, trazendo sua bissexualidade à tona como forma de resistência e tomando as dores Samuel e Bruno. A inserção do aspecto da bissexualidade da personagem é importante, neste caso, para dar mais complexidade a ela. Além disso, outro ponto a ressaltar, não menos importante, é a construção do cenário através da enumeração de alguns componentes de moto (como velas, correntes e pistão), que ajudam a costurar os personagens ao local em que se encontram. O símbolo das correntes também está presente e marca justamente a subjugação do olhar de Borges aos rapazes, ainda mais que o quadro de Borges se sobrepõe ao outro e a corrente se apresenta conectada, ao contrário de seu entrecorte nas páginas anteriores, “aprisionando” os protagonistas.

Página 30: relata o desfecho do capítulo aos protagonistas, explanando a questão da homofobia e introduzindo a temática de pontuação por desempenho ao ofício dos entregadores de aplicativo. O primeiro ponto é marcado principalmente pelo medo de Samuel sofrer algum tipo de violência e, ao mesmo tempo, mostra a projeção deste medo a Bruno, censurando-o. O segundo ponto é introdutório, breve e direto, pois será explorado nos capítulos seguintes.

Outro item a ser destacado nesta página é o traçado de alguns quadros que detêm formatos distintos do convencional, sendo um deles denteado, o que “sugere uma ação emocionalmente explosiva” (Eisner, 1989) de Samuel; a moldura de coração, para ressaltar o afeto entre Bruno e Samuel em um novo momento de abraço; e a sinuosidade das linhas no terceiro quadro, ao se falar sobre o esquema de pontuação no aplicativo, sugerindo apreensão.

Página 31: procura ambientar e contextualizar o meio conservador e bolsonarista do antagonista, composto exclusivamente por homens mais velhos, com a faixa etária oscilando entre 40 e 60 anos; retrata pensamentos meritocratas e mostra incoerências ou hipocrisias da parte de Borges no momento em que ele compactua com discursos preconceituosos contra minorias. Isto é, ele tem a dificuldade de se ver como oprimido apesar de não se enquadrar na figura de um homem branco e heterossexual.

A trilha sonora que trouxe para detalhar a página é “Inútil” do grupo Ultraje a Rigor, pois a banda possui um posicionamento político similar aos motoqueiros da história. Um aspecto estético que quero pontuar é a forma de lança-chamas que tem o último balão da página que, em conjunto com a cor magenta, traz a ideia de ira.

Página 32: como a página anterior (31), tem o objetivo de construir o contexto e o ambiente do antagonista; exemplifica declarações de ódio e xingamentos feitos pelos bolsonaristas a grupos marginalizados socialmente (dando carga ao fundo escuro dos balões); e enfatiza a obsessão em perseguir os protagonistas, originando, dessa maneira, um gancho para o próximo capítulo.

Outro elemento interessante é a presença do lettering formando a onomatopeia do alarme da moto de Borges, que além de sinalizar o som, atua como marcador temporal e delimitador das dimensões de alguns quadros.

Capítulo 3: Mundo das Motos

Este capítulo tem a premissa de construir duas principais problemáticas: a homofobia e o desgaste da profissão do entregador de aplicativo. A primeira delas ocorre no momento do primeiro pico dramático da história, quando os protagonistas e o antagonista retornam a se encontrar presencialmente. Há a violência física e a invisibilização desta por parte de policiais. A segunda delas ocorre ao longo do dia cansativo de trabalho, em que os protagonistas vivem apenas contratempos: há um medo de perder pontos no aplicativo de entregas

e, com isso, sujeitar Samuel ao bloqueio de seu serviço; ocorre uma derrapagem na chuva, exemplificando um tipo de risco inerente à profissão de motoboy; e ao final do capítulo, pode-se notar que Samuel tem uma decepção em relação ao seu trabalho, ao perceber que este não é tão digno quanto parecia ser. Além disso, há a ambientação da rotina do antagonista, uma breve referência histórica a grupos LGBTs (de lésbicas, gays, bissexuais, e transgêneros) durante a época de ditadura, uma sutil ambientação da pandemia do coronavírus e um referenciamento a espaços urbanos paulistanos.

Página 35: apresenta o perfil discreto de Borges no aplicativo gay Apelo onde sua sexualidade é velada e, assim, relata como um usuário monta a sua imagem no anonimato virtual; possui a categorização dos amigos bolsonaristas do antagonista (sendo um “Faria Limer”, como dito popularmente, representando uma classe econômica alta de direita, fazendo alusão a donos de empresas e agentes da bolsa de valores, etc; outro, um policial que representa a “bancada da bala”, fazendo alusão a policiais corruptos, milicianos, ou lobbistas de empresas armamentícias, etc; outro, um pastor que representa a “bancada da bíblia”, fazendo alusão à chefes corruptos instituições religiosas, entre outros; e o último, um vaqueiro que representa a “bancada do boi”, fazendo alusão a um fazendeiro latifundiário, ou lobbista do agronegócio, etc). Ou seja, esta página tem o objetivo de caracterizar simplificada a base eleitoral bolsonarista, capturando os principais nichos de apoio do movimento de extrema-direita. Minha referência teórica para tal parágrafo é Brignotto (2020), o qual traça o perfil de “facções ideológicas” para definir grupos do espectro social de extrema-direita que têm “como guias seus interesses particulares [...] que contestaram abertamente o poder” após o ano de 2013.

Página 36: evidencia uma cena da rotina de Borges, ilustrando o espaço urbano das padarias paulistanas; retrata o uso de álcool em gel e de máscaras, salientando pela primeira vez o período da pandemia do coronavírus na narrativa; retrata a visão governamental negligente sobre esta questão sanitária, em que se minimiza a periculosidade da doença em questão, associando-a a um resfriado comum; reafirma a ideia de perseguição do antagonista em relação aos protagonistas; muda o foco narrativo para os rapazes, mostrando a insatisfação de Bruno ao não almejar o curso de medicina pelo o qual está se preparando para entrar.

Em termos de estrutura, a página se configura como regular com a divisão de sua altura em um quinto, tendo variações nas disposições e dimensões dos quadros em largura, o que traz um ritmo regrado e lento muito propício à expressão de uma rotina.

Além disso, referente ao uso de cor, a página possui, com frequência, o matiz 100% do índigo em seus quadros, marcando a presença do antagonista. Tal característica também pode ser vista em algumas das páginas anteriores.

Página 37: mostra a presença dos protagonistas no Largo do Arouche; aclimata uma São Paulo histórica ao digredir o enredo à época de guetos LGBTs durante os anos de ditadura militar (fazendo parte deste recorte o bar Caneca de Prata e os jornais alternativos Chana com Chana e Lampião da Esquina); e cita a Parada do orgulho LGBT paulistana. Em suma, esta página tem um grande peso simbólico por trazer um breve histórico de resistência da comunidade LGBT em meio a um momento narrativo de iminência de homofobia.

A novidade que trago, nesta página, em termos de elemento gráfico, é o uso do quadro com o traçado de nuvem para enfatizar o recurso de *flashback*. Isto é, faço uma “mudança de tempo ou deslocamento cronológico”, como define Eisner (1989), na história, a fim de levá-la à época da ditadura militar.

Para ressaltar a temática LGBTQIA+, trago a cor magenta, muito relacionada à feminilidade a fim de romper com a dominância do índigo usado até então como expressão masculina, principalmente ao se referir ao antagonista. O que acontece em seguida é a formulação de um novo ambiente em que se mostra a luta da minoria em questão como forma de resistência à homotransfobia.

Página 38: tem a premissa de ser uma página chamativa em questão à variação de cores e formas, onde se destaca o elemento da flor-de-maio (representante da flora local, nativa da Mata Atlântica), que simboliza a ressurreição de Cristo por florescer próximo à quaresma como dito popularmente. Tal símbolo, por sua vez, estabelece uma marcação temporal e se liga ao personagem Bruno, o qual futuramente passará por circunstâncias relacionadas ao significado dessa flor. Fora isso, a página retorna à problemática do rendimento laboral através da pontuação nos aplicativos de entrega.

Ao construir os quadros com os ramos de flor-de-maio, pensei em um elemento que de certa forma representasse o inverso do significado das correntes rompidas de motocicleta, isto é, um símbolo de esperança e superação de obstáculos. O personagem que incorpora esta energia da flor é o Bruno e a leva consigo até o final do capítulo, tentando sempre consolar Samuel, apesar de todos os desafios e

dificuldades que emergem no dia da história. Logo, é interessante notar que é nos quadros em que aparece tal personagem onde há mais flores e vivacidade. E, por fim, posso afirmar que tal premissa é a que busco alcançar no final da história, em outras palavras, quero passar a mensagem de que a força da resistência supere a opressão.

Página 39: ocorre a queda da moto de Samuel em um momento de chuva intensa, elucidando riscos que um entregador de aplicativo passa em seu dia a dia como um reflexo de sua falta de segurança no trabalho; a moto risca, expondo mais um tipo de despesa que o entregador tem que bancar sem o auxílio da empresa contratante; e a entrega amassa, o que ocorre por consequência do acidente e acaba afetando o desempenho do motoboy em termos de pontuação, sendo que a empresa não o respaldará e acabará culpabilizando-o pelo evento; outro ponto a destacar é a marcação temporal da história mediante à caracterização do clima da cidade de São Paulo. Em termos narrativos, esta página serve como um indício de que o momento de bonança dos protagonistas está chegando ao final com o mal pressentimento de Samuel.

No que diz respeito ao formato dos quadros, quero salientar que a morfologia da nuvem e da ladeira inclinada e trêmula ajudam a compor a atmosfera deprimente da derrapagem da moto. Referente aos grafismos usados na página, indico a textura esfumaçada para produzir o efeito de nuvem e chuva.

Página 40: explicita uma problemática da profissão de motoboy, tal como o bloqueio de conta por perda de pontos; relata a perseguição e fuga dos protagonistas em relação aos motoqueiros; traz a aparição do vilão de forma camuflada, munido

de xingamentos homofóbicos, termos pejorativos e preconceituosos; traz a transferência de culpa relativa ao momento da perseguição por parte de Samuel a Bruno, o que demonstra, mais uma vez, que Samuel não lida muito bem com sua homoafetividade; e, por fim, há a ambientação das ruas de São Paulo.

Em relação a diagramação, gostaria de explicitar a quebra do ritmo da página que acontece quando surge a figura mascarada de Borges. A partir de então, os quadros se distorcem, há o uso de perspectiva para enfatizar a ideia de fuga com a configuração de cortes em diagonal. A centralização da expressão de Samuel na parte inferior, dá importância a discussão da autoaceitação homoafetiva.

As cores também ajudam a dar um desequilíbrio à trama, uma vez que se arranjam com o propósito de criar o contraste. A intensidade dos matizes escuros dão peso à agressão das palavras proferidas pelos personagens.

Página 41: funciona como transição de cena, no qual se dá continuidade ao tema da perseguição de forma não explícita, aumentando o suspense. O que mais se destaca na página é a ambientação da rua Basílio da Gama no centro de São Paulo, onde estão presentes citações de espaços como a Praça da República, o Hotel Gran Corona e a Galeria Metrópole. Outros assuntos abrangidos são: a problemática da pontuação baixa no aplicativo de entregas, a menção à pandemia e a questão da homofobia internalizada em Samuel.

Página 42: constitui o primeiro pico dramático da história, após desenvolver a tensão entre os protagonistas e o antagonista. É dividida em três partes, o antes, o durante e o depois da violência. Na primeira parte, há o afastamento de Bruno, quem ainda dá crédito ao sentimento de esperança, contrapondo-se a todos os empecilhos que se armaram durante o dia. Logo após, na segunda parte, há a cena de homofobia explícita, caracterizada por uma violência física. E por fim, na terceira e última parte, há a fuga de Borges e o foco é destinado principalmente aos moradores do prédio, que miram o incidente a partir de suas perspectivas cômodas sem se deixarem afetar pela situação de Samuel.

Levando em consideração a diagramação da página, posso afirmar que optei por centralizar a cena da homofobia a partir do retrovisor. O quadro em questão, ou a figura do visor, “utilizado como elemento estrutural passa a envolver o leitor, e sua função é maior do que a de mero contorno do contêiner” (Eisner, 1989). Ou seja, este elemento busca evidenciar uma questão social marginalizada e vista com menor importância, por meio de um ponto de vista metafórico e não convencional. Os cacos de vidro no último quadro desta série se configuram de forma interessante, fazendo uma comparação do espelho com o próprio sentido da visão.

No que se refere às cores, o magenta tem um peso imenso ao se sobrepor ao índigo nos momentos da agressão, sendo um gradiente ao pico de tensão e suspense até o momento em que a violência é efetuada. Vale também apontar que o uso do *lettering* pontiagudo e torcido combinado com as cores saturadas do magenta e do índigo sugere terror e agonia. Avaliando o uso dos pincéis, digo que as texturas do magenta no retrovisor, criaram a ideia de sangue, e do índigo, um ar sombrio, no *lettering*.

Página 43: evidencia a consequência da ação da página anterior, ou o trauma físico e psicológico sofrido pelo protagonista perante à homofobia. A presença da corrente da moto, neste momento, pode fazer uma alusão ao seu funcionamento e por extensão ao corpo do protagonista. Este símbolo aparece pela segunda vez e fundamenta a noção da boa performance de uma máquina, do fio da vida, da condução linear do desenvolvimento humano e de outras conexões que podem vir a surgir. Quando ela é rompida, há uma falha, um trauma, um desencaixe ou uma descontinuação.

Paralelo a isto, tem-se a problemática da pontuação de rendimentos do entregador via aplicativos, em que a nota dada pelo cliente implica na permanência do empregado em seu trabalho. Se o valor da nota for baixo, a pontuação do entregador pode diminuir e, mediante a isso, ele pode ser bloqueado e, assim, perder a sua função. Segundo Slee (2015), tal aspecto é muito discutível, pois um dos pilares da avaliação é o critério de subjetividade do cliente que não tem uma visão total do trabalho do entregador. Isto é, no caso de uma entrega de uma comida, por exemplo, o cliente não tem o panorama de tudo o que ocorre desde a preparação do alimento até o momento da refeição chegar à sua mão. Logo, só é calculada a qualidade do produto final e, se ocorre, algum imprevisto, a culpa acaba sendo colocada em quem fez o serviço de transporte.

No que diz respeito ao cenário urbano, existe a ambientação de uma rua paulistana em que se constrói o lugar de apartamento social, onde há sujeiras, restos de consumo humano, restos de construção civil, lixo e expressão de arte marginal (vista na manifestação de pixos). Tendo este aspecto claro, é possível se debruçar à imagem

marginal de Samuel por: ter o local de origem fora do centro da capital, ser negro, ser gay e estar desamparado pela empresa contratante.

Em termos tipográficos, posso argumentar que as letras grafadas em tinta rosa ecoam como um grito de resistência ao bolsonarismo e à má gestão do presidente da república durante a pandemia de coronavírus, formando a frase “Bolsonaro Genocida”.

Para finalizar, os últimos quadros da página mostram Bruno ajudando Samuel a se erguer e lutar contra a impunidade dessa violência.

Página 44: é uma página de transição, em que os protagonistas procuram por um amparo policial à violência sofrida por Samuel. Há uma caracterização da polícia munida pelo descrédito às questões de minorias, que detém um repertório de distinção social de “cidadão de bem” e de “delinquente” por meio do racismo. Em outras palavras, o fato de o policial achar que o Bruno precisaria ser amparado por um suposto dado ingênuo por Samuel se configura devido à diferença da cor de pele entre os rapazes.

Página 45: relata que os protagonistas não conseguem reportar a violência ocorrida, pois há uma má vontade por parte dos policiais em colaborar com a situação. A página mostra como o tempo se arrasta e há sempre uma desculpa para não ajudar Samuel, até que o desgaste é tanto que acontece a desistência por parte dele. Nesta página também se pode ver a homofobia pela figura dos policiais, já que contribuem para a subnotificação do problema, zombam dos heróis e manifestam o desamparo e

a auto-isenção em relação à comunidade LGBTQIA+.

Levando em consideração a diagramação, separei cada quarto de altura em períodos cumulativos que retratam a lentidão da incompetência policial. À medida em que os quadros passam, a tonalidade do índigo satura mais, ligando-se ao anoitecer e ao limite de paciência de Samuel.

Página 46: retrata o momento em que Samuel faz um balanço sobre sua profissão depois de um dia intenso físico e mentalmente, em que há a comparação entre o que ele almejava profissionalmente e o que ele alcançou; aborda a percepção ilusória que muitas vezes o entregador tem de si mesmo, enxergando-se como um “auto-empendedor” como designa Antes (2020); traz mais uma vez a problemática do rendimento por pontuação, na qual há o bloqueio temporário do serviço de Samuel por ter recebido notas baixas em suas corridas; além de haver a ameaça do desvinculamento do protagonista à empresa de entregas se o mesmo não obtiver boas notas em próximas corridas. Os ganchos que esta página proporciona à narrativa são: a dúvida sobre um possível encontro dos protagonistas nas próximas páginas e a inquietação sobre a identidade do agressor suscitada por Samuel.

Ao que se diz respeito à formatação dos quadros, trago a uma metáfora visual do papel adesivo como suporte de uma lista imaginária para registrar prós e contras da profissão de entregador; e a metáfora da corrente da moto sendo concertada de forma improvisada, o que revela um momento de reestruturação ainda frágil dos personagens.

Capítulo 4: O grau

Este capítulo funciona como um momento de baixa tensão na narrativa, onde a importância está na caracterização da cultura do “grau”, dos “rachas” e dos “bailes funk” na periferia da capital paulista. Outro tema a ser abordado é a menção à primeira onda da pandemia de covid-19 no Brasil, telenoticiada diariamente através de gráficos sobre o aumento do número de novos casos e de novas mortes no final de maio de 2020. Levando esses tópicos em conta, posso afirmar que ao categorizar este meio cultural urbano de lazer, não quis supervalorizá-lo em detrimento com a pandemia. O capítulo “O grau” parte do princípio de que os personagens foram imprudentes e irresponsáveis ao se aglomerarem em uma festa clandestina. Sobre o enredo, merecem ser pontuados: a pressão familiar sobre a carreira de Bruno, a paternidade de Zipo, o encontro entre Carla e Alisson e a história da cicatriz de Zipo.

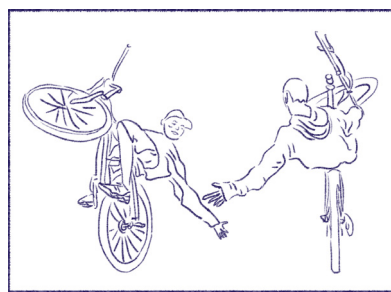
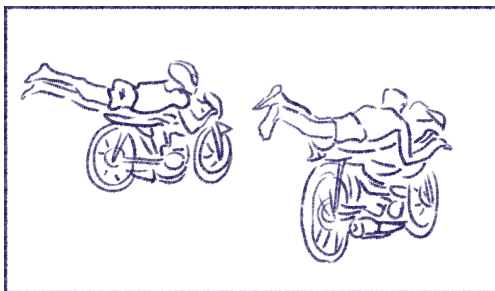


Figura 49 e 50: ilustração que exemplifica um racha e outra que exemplifica o grau.

Antes de prosseguir, de fato, à descrição das páginas, gostaria de introduzir um pouco do universo que busco ambientar e discorrer sobre o lazer ligado à motocicleta e o ambiente dos bailes funk. As imagens acima retratam tanto o racha (foto da direita), quanto o grau (foto da esquerda) e podem parecer a mesma

atividade, mas não são. Confundem quem não tem muita familiaridade com seus contextos, pois ambos são feitos com motos e têm manobras parecidas.

Mas creio que, mesmo assim, o racha é mais difundido, até porque também é praticado por carros, o que o torna mais popular. Não consegui achar nenhuma definição para tal prática, contudo pelo o que pude observar em vídeos na internet e pelo o que tenho como repertório, creio que se trata de uma corrida, que pode envolver uma aposta ou não, ter manobra ou não, tendo suas regras determinadas de acordo com o lugar e com os praticantes. Na imagem acima à esquerda, pude representar um movimento bem comum que notei em vídeos de tal prática que é esta posição de deitar na moto e soltar os pés.

Já o grau é mais restrito a motos e bicicletas, pois seus movimentos são praticados em meio de locomoção com duas rodas, tornando a atividade mais de nicho. E, em relação a esta modalidade, tive a sorte de poder acompanhar uma audiência pública que ocorreu na Câmara dos Deputados (disponível na *web* e citada na bibliografia), que explanava sobre o assunto. Levando em consideração o requerimento redigido pela deputada Alessandra da Silva, posso revelar que o grau se trata de “uma prática desportiva [...] praticada na maioria, né... por rapazes e moças de tenra idade a partir dos 18 anos, por meninos e meninas que já usam *bikes*” [sic] (Câmara dos Deputados, 2021) e que fazem “manobras bem radicais, eles equilibram em uma roda, eles levantam até noventa graus, eles giram em trezentos e sessenta graus” [sic] (Câmara dos Deputados, 2021). Na imagem acima à direita, escolhi ilustrar o grau praticado por menores de idade que já empinam suas bicicletas para justificar que tal atividade não tem restrição etária.

E por último, quero citar o tipo de baile funk que acontece em São Paulo, os denominados fluxos de rua que surgem através dos “carros de som, carretas de som e muitas caixas no porta-malas de carros”[sic] (Spotify Studios e KondZilla, 2020) que “lotam as ruas com muito funk e frequentadores sedentos por festa”[sic] (Spotify Studios e KondZilla, 2020). São um tipo de festividade muito importante para a cultura e economia local e atraem muitos moradores de diferentes zonas da região metropolitana da capital. Neste capítulo, trago algumas ilustrações sobre o cenário dos pancadões que contam um pouco de seus costumes.

Página 49: tem a premissa de dar o contexto da pandemia a partir da representação de informações como o número de novos casos e novas mortes compilados diretamente e em todo o período pandêmico. Além disso, traz exemplos de manchetes de notícias que circulavam na época em questão. Tudo isso ambientado em algumas semanas antes do “Breque dos Aplicativos”, sendo que a pandemia não havia atingido a crista da primeira onda de contaminações. Aqui há, também, uma ambientação dos afazeres de Bruno voltados ao curso pré-vestibular e trocas de mensagens com Samuel, retratando o ambiente virtual.

Em relação ao uso de tipografia, cabe a mim destacar o letreiramento de noticiário na cor magenta, que tem suas palavras cortadas nas extremidades superiores do primeiro quadro para dar a ideia da movimentação horizontal das palavras e, com isso, imitar um artifício visual de um telejornal. Outra marcação tipográfica é o uso de lettering para indicar a música “Rain on me” da artista Lady Gaga.

Página 50: conecta-se à página anterior pela conversa telefônica de Bruno com Samuel, em que se mostra as complicações em se sustentar a relação entre os dois no momento de pandemia; apresenta a figura materna de Bruno, explicitando a pressão da família que o protagonista sofre pelo ideal de supervalorização da carreira de medicina como modelo de sucesso individual. Neste momento, a mãe de Bruno tem o papel de autoridade próxima à figura do professor de cursinho visto no capítulo 2.

Em termos de diagramação, a página ressalta a disposição das mensagens no ambiente virtual, seguindo o modelo da página 22. As linhas dentadas que dividem o leiaute em duas partes, demonstram uma quebra da conversa entre os protagonistas de forma abrupta, revelando a aparição da mãe de Bruno.

Página 51: destaca o personagem Zipo, quem finalmente revelou a Samuel seu segredo e sua circunstância, sendo eles a descoberta da paternidade em meio à informalidade do trabalho de motoboy durante a pandemia de Covid-19; ressalta a importância em se usar máscara e evitar o contágio do coronavírus, ao vincular seu uso ao conceito de proteção e defesa; retrata um ambiente paulistano fora do centro da capital, sendo este o Shopping Metrô Itaquera.

Gostaria de destacar rapidamente o uso da cor magenta com a textura de retícula em contraposição ao uso do fundo branco na figura das máscaras descartáveis, que em conjunto dão a ideia de proteção em relação à enfermidade em questão.

Página 52: apresenta Alisson, um novo personagem vinculado ao universo de Samuel, imerso na cultura de rachas e graus; e faz a retomada da violência sofrida pelo protagonista no capítulo anterior, demonstrando a preocupação de seus amigos perante a situação.

Página 53: introduz um momento de descontração; exemplifica o que é um “racha” entre motociclistas; mostra o costume de burlar os radares de infração de velocidade; e faz a marcação de um espaço periférico da cidade, em busca de descentralizar espacialmente o retrato da cidade de São Paulo.

No que diz respeito à tipografia, posso destacar o uso da família Helvética para compor a sinalização da linha Coral da empresa de trem CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), auxiliando na construção de cenários da história.

Página 54: propõe dinamismo ao revelar quadros com distorções ou com diagonais marcantes ao início de partida do racha entre os personagens Samuel e Alisson; evidencia, mais uma vez, a prática de tapar a placa próximo a radares de velocidade com a intenção de não ser multado; e possui um quê de cultura *nerd* ao evidenciar um ganho de pontuação em atributo de velocidade em decorrência da ingestão de um energético de sabor açaí por Samuel.

Página 55: retrata uma paisagem da periferia de São Paulo, onde se encontra um córrego poluído a céu aberto, um viaduto pixado e um baile funk em zona residencial; evidencia mais uma vez a corrida disputada entre os personagens Samuel e Alisson e um evento de grau sucedendo simultaneamente ou “pancadão”; e cita novamente a cicatriz de Zipo como marca narrativa.

Vale apontar que o uso do *lettering* em forma de pixo ressalta a linguagem da arte urbana de São Paulo, tendo como escita “os lekes lokos da leste” no viaduto e “funk” no estilo bomb de pixação, fazendo referência a muitos grupos de pixadores que marcam a região. Além disso, apresenta-se o *lettering* para sonorizar a batida dos “graves” e caixas de som durante o baile funk.

Página 56: retrata a entrada dos personagens no baile funk no contexto da pandemia e fabula a prática do grau a partir da pontuação de poses e manobras geralmente desempenhadas. Tais posições, na realidade, foram capturadas através de vídeos sobre o tema e os seus nomes foram ficcionados.

A respeito do episódio, posso dizer que foi explorado a partir de notícias que aconteceram durante a pandemia e a imagem acima foi sacada de uma reportagem jornalística que auxiliou a aclimatar o momento da história, transformando-se em um quadro. Com isso, meu propósito não é desmerecer a quarentena que foi feita na época, até porque me mostro favorável a ela, mas enunciar a existência deste tipo de evento transgressor, no mal sentido, e complexificar as personagens aí presentes.



Figura 51: obtida em vídeo sobre baile funk ilegal em época de pandemia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/07/pessoas-se-aglomeram-em-baile-funk-na-zona-leste-de-sp-durante-pandemia-de-coronavirus.ghml>> acesso: 15/10/2021.

A tipografia presente no quadro do aviso atua de forma secundária, ajudando a representar a mídia impressa e a compor o universo da história, diferenciando-se da fonte utilizada para falas.

Página 57: busca representar a atmosfera de um baile funk, destacando elementos como os carros de som, as vestimentas dos frequentadores, o uso de guarda-chuvas, a venda de drogas ilícitas, os carrinhos de bebida e a seleção de músicas. Além disso, separo dois quintos da página para o encontro entre os personagens Carla e Alisson, em que eles trocam beijos.

Gostaria de ressaltar a combinação do *lettering* e do traçado rústico usado na cor branca para expressar a força sonora das caixas de som durante a festa, compondo com o espaço caótico, cheio de gente e de elementos onde os personagens se encontram.

As cores índigo, branco e magenta tem a capacidade de se fundir em boa parte da página, indicando uma mescla de sensações provindas do local. A cor magenta é utilizada principalmente para enfatizar o flerte entre as personagens Alissom e Carla, de onde saem símbolos como corações, estrelas, gotas de saliva e fogos de artifício.

Página 58: dá continuidade a página anterior por meio da representação do ambiente do baile funk e do tema de grau em motos; mostra a inquietação de Bruno em relação à clandestinidade de festa durante um momento de primeira ascensão de casos de coronavírus em maio de 2020 no Brasil; inicia a história da cicatriz de Zipo; demonstra a relação truculenta da polícia militar de São Paulo com o uso de espaços públicos periféricos da cidade. Além disso, a página possui a frase “ninguém solta a mão de ninguém” que evidencia uma marca da resistência ao crescimento do conservadorismo criada após a eleição do presidente Jair Bolsonaro.

Em termos tipográficos, as letras desenhadas têm a função de dar efeitos sonoros, no som do disparo, na sirene policial e na fala do tira. O magenta dá peso a ferocidade desta presença emergente.

Página 59: é uma página de caráter retrospectivo em que narra como o personagem Zipo adquire a cicatriz em seu nariz, evidenciando a cultura dos rachas e do grau entre motos; cita a ação policial sobre as práticas informais desta cultura e sobre o baile funk; e explicita o elo inicial entre os personagens Zipo e Samuel.

Em aspectos morfológicos, posso relatar o uso do contorno de nuvem para sinalizar um momento de *flashback* e a utilização de diagonal e curva em espaços centrais da página a fim dar um ar de dinamismo na narrativa.

No que diz respeito ao grafismo, posso dizer que o magenta reticulado expressa o choque da moto de Zipo com a viatura policial e a transparência do branco sobre a parte defronte do carro reflete um aspecto fantasmagórico a este.

Página 60: retrata o desfecho do capítulo, em que há a fuga dos personagens à polícia militar e ao tumulto do baile funk; traz o recorte da prática do grau a partir de suas manobras.

Capítulo 5: Breque dos Aplicativos

Aborda a paralisação da classe dos entregadores perante às suas más condições de trabalho e falta de direitos trabalhistas, que tornou-se simbólica como marco temporal a partir do dia primeiro de julho de 2020, após a ocorrência do designado ato “Breque dos Apps”; retrata a cotidiano da pandemia, onde se desenvolve a constância do uso de máscaras e álcool em gel, ao passo que medos e neuroses sobre convívio social se agravam; utiliza da ferramenta *flashback* para contar o histórico profissional e pessoal de Samuel, dando vista a uma realidade da iniciação ao trabalho informal brasileiro; e, por fim, há a tentativa de homicídio feita por Borges aos protagonistas logo após estes manifestarem seu afeto público através de seu primeiro beijo.

Página 63: Introduce o tema do “Beque dos Aplicativos”; contextualiza tal evento e o vincula à pandemia ao retratar a negligência das empresas contratantes no aspecto da falta de proteção do trabalhador de entregas no contexto pandêmico; exemplifica a precarização laboral deste trabalhador ao explicitar seus gastos com suas ferramentas de ofício sem respaldo econômico da empresa a qual o contrata; e retrata um hábito comum à época que é a produção de máscaras manufaturadas caseiramente e o uso constante de álcool em gel de modo individual.

Página 64: cita a convocatória aos motoboys brasileiros feita por Paulo Galo Lima (mais conhecido como Galo, líder do Grupo “Entregadores Antifascistas”) para o ato “Breque dos Aplicativos”.



Figura 52: recorte de cena em que aparece a imagem de Paulo Galo Lima, líder do Grupo “Entregadores Antifascistas”

A imagem acima foi tirada do vídeo em que o Galo faz o chamado e foi incorporada no último quadro desta página no momento em que Samuel tenta convencer Zipo a ir na manifestação. No áudio oficial, Galo diz: “Não sei em que lugar onde você está, no Acre, no Amazonas, ou no Pará, em qualquer lugar do Brasil, a gente precisa de você companheiro”[sic](Meteoro Brasil, 2020).

Outro ponto a destacar nesta página é o desgaste físico e mental de Zipo, que representa um motoboy que passa a viver além do limite de sanidade para conseguir sustentar seu núcleo familiar. Aqui se tem o exemplo em que a exploração laboral aliena o trabalhador ao ponto de ele ser incapaz de lutar por seus direitos devido ao alto grau de necessidade humana. A questão do cansaço em uma profissão de entregas é muito preocupante, pois a falta do sono pode comprometer não só o trabalho como levar ao risco de o profissional se acidentar ou correr risco de vida. O símbolo do lixo ao lado de Zipo serve para representar o estado de espírito da personagem.

Página 65: Reflete sobre os medos de Samuel em relação ao dia do protesto: o pavor de morrer e trazer a morte aos seus entes próximos, tanto pelo coronavírus quanto pelo encontro com o antagonista; contextualiza mais uma vez a pandemia, no momento quando traz o fato de muitas famílias terem sido impedidas de passar pelo luto sem poder velar seus familiares ou pessoas próximas devido ao alto risco de contágio da doença; e aproxima, em termos narrativos, a tensão dos protagonistas ao antagonista.

Neste espaço, apresenta-se mais uma vez o quadro em forma de nuvem, porém desta vez, o sentido do uso não é uma volta ao passado, mas um possível cenário futuro. Como não se trata da realidade e se estabelece pensamentos delirantes, o formato em questão torna-se útil. A centralidade do quadro de devaneio traz a esfera narrativa ao interior do personagem, dando mais complexidade a ele.

Página 66: traz uma nova ameaça de Borges a Samuel por meio do aplicativo Apelo; e acontece o encontro de Samuel com Bruno, em que Bruno se mostra limitado pela pandemia e pelo seu círculo familiar a se encontrar com o seu parceiro de viagens.

Em termos narrativos, o suspense aumenta em proporção à preocupação de Samuel. Outro símbolo importante em termos de enredo é o trincar do retrovisor da moto dos protagonistas, que remete à homofobia da página 32. Todavia, desta vez, quem aparece em seu reflexo rachado é Bruno, fato que dá pistas sobre episódios futuros.

Em termos de diagramação, dispõem-se diagonais em quadros em que Bruno sobe na moto, revelando o passo-a-passo dessa ação e uma indicação de movimento implícito ao arranque da motocicleta.

O magenta é utilizado com a função de alertar o leitor ao perigo iminente de Borges e destacar a figura de Samuel em relação a outros personagens e motoboys.

Página 67: tem o principal objetivo de contrabalançar os medos de Samuel através de boas memórias em seu início de carreira como motoboy, quando ele começou a trabalhar entregando as marmitas que a sua mãe fazia a clientes do bairro onde

morava; faz um paralelo à vida de Bruno, em que este não possui perspectivas profissionais mediante às expectativas de seus pais, a fim de comparar as realidade dos protagonistas e interligar seus momentos de vida.

Este recorte de quadros em *flashback* serve para trazer mais informações sobre Samuel e ao mesmo tempo servir como uma forma de recapitulação do caminho do protagonista em trechos narrativos próximos ao clímax da história.

Página 68: funciona como um mosaico para compor visualmente a ato do “Breque dos Aplicativos”, revelando a forma da manifestação em si pelo agrupamento de motos, bag, uniformes com faixas retrorefletivas, cartazes com manifestos, sinalizadores e pelo apelo sonoro feito por buzinas e “cortes de giro” (barulho feito a partir da aceleração das motos); tudo isso em meio ao espaço da Avenida Paulista em frente ao Museu de Arte de São Paulo, localização central vinculada à busca de uma visibilidade midiática. Além da participação, apesar de minoritária (como apontado na Introdução), de grupos femininos da manifestação, que ainda sim são componentes da profissão.

A tipografia nesta página tem seu uso como fator primordial à variedade expressiva da manifestação. A anunciação deste aspecto tem a função de representar as corrupções das marcas de empresa a fim de tecer trocadilhos e críticas, criar onomatopeias originárias de sons provindos de motos e remeter à expressão manuscrita de dizeres em cartazes e faixas.

Página 69: traz a aparição da personagem Carla a partir do recorte do universo das “motogirls” e atualiza os acontecimentos recentes de sua vida na história, como o aperfeiçoamento na condução de moto e o início de sua carreira como “motogirl”; além de mostrar a complexidade de tal personagem em termos de instabilidade laboral e a dificuldade de se arranjar um emprego formal dentro de um recorte temporal de desemprego e informalidade em alta; relata a contaminação de dois personagens secundários pela COVID-19.

Página 70: imerge nos pensamentos de Samuel por meio de *flashbacks* e preenche mais lacunas da vida do protagonista a partir de quando ele passa a fazer suas entregas de moto; traz mais uma vez a figura materna de Samuel, quem foi fundamental à aquisição da moto por ter ajudado em sua compra; e relata comentários que aumentam a credibilidade da profissão a novos trabalhadores, fortalecendo um discurso de autoempreendedorismo perante à informalidade da profissão; e transiciona para a próxima página (71) por meio de fobias.

O traçado em barras, no fundo, ajuda a dar a ideia de momento ruim, utilizado também em páginas como as de número 39 e 52.

O uso da cor magenta traz importância a lembranças boas do passado, senso quase todas voltadas à promessa de bons frutos ao início de carreira, ou a esperança de um enriquecimento rápido.

Página 71: retrocede mais uma vez na história por meio de *flashbacks*, porém desta vez, volta a fragmentos da narrativa em que aconteceram em capítulos passados, como se representasse a quebra da ilusão do autoempreendedorismo de Samuel, dando destaque às dificuldades da profissão já relatadas e exploradas no quadrinho; serve como um ciclo de retomada na narrativa que ocorre para refrescar a memória do leitor antes do clímax.

Quanto à diagramação, elaborei quadros encaixados entre si como um quebra-cabeças, onde se estabelece uma linha temporal de principais acontecimentos. O elemento da flor-de-maio é o último símbolo da sequência de recordações e revela uma tentativa de superação de Samuel ao todo.

O uso do fundo índigo traz peso e contraste aos pensamentos positivos e expectativas da página anterior. Reflete o momento em que o protagonista tem uma desilusão com seu emprego e sua sorte na vida e faz um balanço dos recentes acontecimentos.

Página 72: contextualiza mais uma vez o ato “Breque dos Aplicativos” com a presença da Ponte Estaiada no final da mobilização; traz quase como em tópicos as principais reivindicações laborais da classe dos entregadores, como o desejo de um auxílio à pandemia, o pedido de um kit pandemia, a busca por direitos trabalhistas (férias e décimo terceiro salário, por exemplo), o descontentamento pelos bloqueios de contas de forma arbitrária e o anseio de um seguro acidente; faz a transição de páginas, em seu final, citando o rumor de que haveriam motoqueiros bolsonaristas armados circundando o movimento a fim de sabotá-lo.

Em termos de diagramação, dá credibilidade à arquitetura da ponte em questão, mostrando alguns pontos de vista de sua composição e aborda visualmente uma intervenção visual na via, deixando uma indignação à vista aérea com a mensagem “#pareoabusodepoder”. Também é notável o recurso da aproximação, saindo da vista expandida do monumento paulistano ao âmbito dos personagens, passando pela manifestação.

Página 73: mostra o piquete feito por grupos bolsonaristas a fim de desmobilizar o ato dos motoboys; ilustra, mais uma vez, a cidade de São Paulo a partir do bairro do Brooklyn.

Em termos de composição visual, a barreira em chamas tem sua centralidade, sendo o maior elemento presente da página. Seu objetivo é dar escala ao ato pró-entregadores e citar esta modalidade de bloqueio às práticas de mobilização nacional.

Página 74: com adesão à página seguinte (75), compõe com o clímax da história, em que a homofobia atinge um ápice de letalidade ao ser configurada por um disparo de uma arma de fogo, sendo que tal fato ocorre logo após o primeiro beijo em público dos personagens protagonistas. Isto é, esta página possui o momento mais forte em expressão de amor e precede a página com maior grau de violência e ódio. Outro dado relevante a esta página é que ela ajudou a configurar a linguagem visual da história em quadrinhos, ao ter elementos de uma página piloto contendo definições de cor, tipografia, uso de lettering e diagramação.

A respeito do uso de tipografia, o lettering “vrum” merece ênfase, pois é um elemento visual forte que anuncia a chegada do antagonista. A relação com este personagem se dá pela cor saturada do índigo, por seu peso e contraste com o fundo branco e pela sinuosidade psicodélica que remete à ideia de uma fumaça ou brasa. A palavra “phobia”, também presente, fixou-se abaixo dos quadros de reação de Samuel ao toque de seu celular e entre a aparição de Borges, o que revela uma tensão no ambiente devido ao “vrum”.

Capítulo 6: Encruzilhada

É o capítulo de desfecho da história, em que os personagens têm suas tramas encerradas: o Bruno é encaminhado ao hospital com o auxílio de Alissom, a Carla segue seu caminho após tentar impedir Samuel de encontrar com Borges e Samuel e Borges se chocam violentamente. Tem o predomínio dos matizes saturados do índigo e magenta para dar o devido peso dramático à narrativa. As molduras e sarjetas em índigo 100% revelam o grau de tensão e suspense da história.

Página 77: monta junto com a página anterior (74) o clímax da história, em que há um atentado aos protagonistas, uma homofobia quase letal. Em termos de diagramação, dispus a composição a fim trazer a ideia de ritmo decrescente, tendo o disparo orientado em diagonal da esquerda superior ao meio inferior da página e o personagem Bruno em queda em três quadros na base da página. O lettering “Bang” foi superdimensionado e posto em negativo (fundo escuro com letras em branco) tendo suas linhas mais pesadas, a fim de dar impacto à cena em questão. A textura utilizada ao redor de sua forma, em branco, pode dar a noção de um efeito sonoro.

Outro dado relevante a esta página é que ela ajudou a configurar a linguagem visual da história em quadrinhos (como citado anteriormente na descrição do capítulo de Resultados), ao ter elementos de uma página piloto como definição de cor, tipografia, uso de *lettering* e diagramação. A página inicial que deu a origem a essa continha Samuel como o afetado pela violência, porém foi substituído para uma melhor formulação de enredo.

Página 78: dá continuação à página anterior a partir do encaminhamento de Bruno à ambulância em que Alissom trabalha como paramédico.

Mediante à diagramação, dois terços da página se destinaram à figura de Bruno estendida no chão para realçar o acontecimento dramático do baleamento.

Página 79: finaliza a narrativa das personagens Bruno e Alissom, e ao mesmo tempo segue com a história de Carla e Samuel. Um detalhe relevante a ser explorado aqui é a presença do símbolo da corrente de motocicleta, que em termos narrativos sempre esteve ligado a momentos de tensão entre os protagonistas e os antagonistas. Contudo, desta vez, o objeto não está quebrado e serve de desculpa para distrair Carla. O não romper da corrente representa um fortalecimento dos protagonistas e uma busca pela superação da opressão.

Em termos de diagramação, o formato de diagonal nos quadros inferiores à direita da página sugere um início de dinâmica dos personagens que se estenderá na página seguinte.

Página 80: marca a última aparição de Carla no quadrinho, ou o momento em que ela não se sacrifica pelo protagonista, mas, sim, tenta impedi-lo de encontrar com o Borges, alertando-o sobre os riscos de ações futuras inconsequentes.

Em termos de diagramação, configura-se como uma página dinâmica com a presença de diagonais que quebram alguns quadros no sentido horizontal. São momentos de ação mesclados com instantes sóbrios (os quais mesmo sendo estáticos, revelam movimento pelos seus distintos ângulos). Suas formas são retangulares e quadradas, revelando uma regularidade estrutural. Ademais, traz a diferenciação de pesos dos quadros para momentos mais ligeiros e outros mais intensos em termos dramáticos.

Página 81: foca no encontro de Samuel com um grupo de motoboys que persegue os motoqueiros bolsonaristas; traz mais uma vez a caveira como um elemento de identidade de Borges e de medo de Samuel; possui diagonais e alterações de ponto de vistas que revelam agilidade e movimento aos quadros. A cor magenta no casaco de Samuel foi pensada para diferenciá-lo dos demais motoqueiros.

Página 82: concentra-se na perseguição de Samuel a Borges e no choque entre ambos. Apresenta quadros em diagonais que cortam a página ao meio e se ausenta de voz, porque o foco está nas ações dos personagens. A única palavra que foi utilizada tem a função de sinalizar o choque através do lettering “pow”.

Esta é uma das páginas que tem mais contraste cromático da história e quase toda ela é constituída pela saturação 100% de índigo e magenta em composição com o branco.

Página 83: tem a preocupação estética de trazer uma calma e contrastar com a página anterior, com uma leve pausa dramática, antes de desenrolar o desfecho da história. A ausência do índigo nos espaços de respiro e o fundo branco ajudam a dar o tom de estaticidade, inércia e paralisia, reforçando o que foi explicitado anteriormente.

Em termos formais, possui transição de quadros lenta e a formatação mais quadrada, o que revela um momento mais vagaroso com destaques aos detalhes do local. Foi possível explorar diferentes pontos de vista, para dar mais riqueza à cena e trazer mais dinâmica ao momento.

Página 84: retrata a ação final da tensão protagonista-antagonista onde o vilão é derrotado; possui um peso forte e dinâmico, justificada pelo uso de diagonais e quadros dentados, assim como o contraste de cores no instante do chute, em seus quadros superior e central, enquanto a parte inferior é mais linear; inicia o desfecho da trama.

Página 85: mostra uma pausa reflexiva de Samuel enquanto a chuva começa a cair, levando os adereços que tampam o rosto do antagonista; faz uma transição à página final através do clima e do símbolo da caveira.

Página 86: conclui a história com o símbolo da caveira, associada ao medo de Samuel ao antagonista sendo superado pelo símbolo da flor de maio, que representa renascimento, tudo isso envolto à esfera da chuva, que por sua vez representa a limpeza, purificação e eterno retorno do ciclo da água; possui, em paralelo, um trecho do conto Sargento Garcia do livro Morango Mofados (Abreu, 2019), em que dá o peso final a história, evocando, mais uma vez, a chuva e a metáfora da podridão vil humana. O símbolo das velas com conjunto com a caveira pode trazer a ideia de fim, de morte e de luto.

Desfecho

Ao concluir este projeto, logrei elaborar uma história em quadrinhos com a intersecção entre as temáticas da precarização do trabalho do entregador de aplicativos com a esfera da homofobia, ligada à comunidade LGBTQIA +, que se passa na cidade de São Paulo em meio ao período pandêmico de 2020. Penso que pude explorar a minha linguagem de forma experimental, em que desenvolvi minhas capacidades em criar um narrativa levando em conta princípios de projeto de roteiro (Comparato, 2000), criação de quadrinhos (Eisner, 1989; McCloud, 2008) e técnicas de ilustração digital, retratando o cotidiano pandêmico da cidade de São Paulo vinculado à questões sócio-políticas da época. Através da figura central do protagonista Samuel, consegui discutir muitas das pautas de motoboys frente ao processo de uberização e informalidade laboral em meio a pandemia, como as exaustivas jornadas de trabalho, o custo de manutenção do veículo e a vulnerabilidade ao coronavírus, por exemplo. Portanto, acredito que meu projeto finalizado me representa como indivíduo, abarcando minhas ideias e opiniões acerca do tema já explicitado, tem a força de levantar reflexões sociais e políticas e dar visibilidade à esfera memorial do tempo retratado quando publicado.

Bibliografia

7GRAUS. Bruno. Dicionário de Nomes Próprios, 2021. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/bruno/>> Acesso em: 11/07/2021

7GRAUS. Borges. Dicionário de Nomes Próprios, 2021. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/bruno/>> Acesso em: 11/07/2021

ABREU, Caio Fernando. Morangos Mofados. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 11 de outubro de 2019

ANTUNES, Ricardo. (org.) Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0. São Paulo: Boitempo, 2020

Apelo. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=NEyQ>> Acesso em: 11/07/2021

Apresentação, Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, 2022. Disponível em: <<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>> Acesso em: 24/06/2022

BRASIL DE FATO. Breque dos Apps completa um ano. Youtube, 1 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M5yg-N4zy9U&t=100s>> Acesso em: 13/11/2021

BREDA, Tadeu; DANTAS, Júlia (org.). Retratos da Vida em Quarentena. 1.ed. São Paulo: Elefante, Dublinense, 2020

CALDEIRA, Arthur. Ranking: veja as dez motos mais vendidas em 2020, Estadão, 2021. Disponível em <<https://mobilidade.estadao.com.br/meios-de-transporte/ranking-veja-as-dez-motos-mais-vendidas-em-2020/>> Acesso em: 10/07/2021

C MARA DOS DEPUTADOS. Cultura - Grau de Moto: atividade desportiva, de lazer e cultural. Youtube, 03 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C16SXQh7IwE>> Acesso em 15/06/2022

CAMPOS, Ana Cristina. IBGE: informalidade atinge 41,6% dos trabalhadores no país em 2019: População preta ou parda estava mais inserida em ocupações informais, Agência Brasil, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-11/ibge-informalidade-atinge-416-dos-trabalhadores-no-pais-em-2019>> Acesso em: 12/07/2021

COMPARATO, Doc. Da Criação ao Roteiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

DE CASTRO, Matheus Fernandes. A pandemia e os entregadores por aplicativo. Revista Espaço Acadêmico, v. 20, p. 70-80, 2021

D,SALETE, Marcelo. Angola Janga: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017

EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989

G1. Brasil passa de 92 mil mortes por Covid-19; média de óbitos na última semana é de 1.026. 31 de julho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml> Acesso em: 27/06/2022

G1. Com pandemia, número de profissionais de motofrete cresce 40% em um ano na cidade de SP. 07 de março de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/07/apos-um-ano-de-pandemia-numero-de-profissionais-de-motofrete-cresce-40percent-em-um-ano-na-cidade-de-sp.ghtml> Acesso em: 23/06/2020

G1 SP, Bom Dia SP. Pessoas se aglomeram em baile funk na Zona Leste de SP durante pandemia de coronavírus. 07 de setembro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/07/pessoas-se-aglomeram-em-baile-funk-na-zona-leste-de-sp-durante-pandemia-de-coronavirus.ghtml> Acesso em: 15/10/2021

GODO, Carlos. *O Tarô de Marselha*. São Paulo: Pensamento, 1985

KIMMEL, Michael Scott. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. Tradução de Sandra Mina Takakura, Natal, v.3 n.4, p. 97-124, 08/09/2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14910/pdf> Acesso em: 09/07/2021

Lucas. Guará: Samuca e a Selva, Letras.mus.br. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/samuca-e-a-selva/guara/>> Acesso em: 08/07/2021

MAROH, Julie. Azul é a cor mais quente. São Paulo: Martins Fontes, 2013

Lu. Samuel: Metá Metá, Letras.mus.br. Disponível em:

Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/meta-meta/samuel/>> Acesso em: 08/07/2021

McCLOUD, Scott. Desenhando Quadrinhos: o Segredo das Narrativas de Quadrinhos, Mangás e Graphic Novels. São Paulo: M. Books, 2008

METEORO BRASIL. O Entregador Rebelde. Youtube, 17 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UqLNJmg_gzE> Acesso em: 13/11/2021

NERIS Analytics Limited. Core Theory: Our Framework, 2021 Disponível em : <<https://www.16personalities.com/articles/our-theory>> Acesso em: 10/07/2021

NERIS Analytics Limited. Personalidade Comandante, 2021 Disponível em: <<https://www.16personalities.com/br/personalidade-entj>> Acesso em: 09/07/2021

NERIS Analytics Limited. Personalidade Advogado, 2021 Disponível em: <<https://www.16personalities.com/br/personalidade-infj>> Acesso em: 09/07/2021

NERIS Analytics Limited. Animador Advogado, 2021 Disponível em: <<https://www.16personalities.com/br/personalidade-esfp>> Acesso em: 09/07/2021

NOTÍCIAS DA VILA. Motoqueiros são flagrados fazendo racha e em manobras arriscadas. Youtube, 17 de janeiro de 2016. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=GH41o1dL2EM>> Acesso em 11/05/2022

NO PASSINHO DO FUNK: 1.O baile todo: como acontece uma festa de funk, com DJ Rennan da Penha e Fernanda Souza [Locução de]: Taísa Machado e DJ Shavozo. São Paulo: Spotify Studios e KondZilla, 26 de novembro de 2020. Podcast. Disponível em:<<https://open.spotify.com/show/3X2LVBGctiGoFiiopQdwcM>> Acesso em: 23/10/2021

PORTAL KONDZILLA. Grau e Corte - A Cultura do Grau de Moto e Bike (KondZilla.com). Youtube, 23 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OUPzidFMT7E>> Acesso em 05/06/2022

PORTAL KONDZILLA. Rolê de Bike - “Quebrei o braço e ralei a cara no chão” (KondZilla). Youtube, 20 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HiiugRT7lGs>> Acesso em 11/05/2022

PORTAL KONDZILLA. Grauzinho e Cortezinho - Especial Dia das Crianças (KondZilla). Youtube, 11 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=--BbDxiIowg>> Acesso em 11/05/2022

O’MALLEY, Bryan Lee. Scott Pilgrim contra o mundo. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2010

SACCO, Joe. Palestina: na Faixa de Gaza. São Paulo: Conrad Editora, 2003.

SCHMIDT, Fernanda; RODRIGUES, Paula. Galo de luta. 11 de junho de 2020.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/lider-dos-entregadores-antifascistas-paulo-galo-lima-quer-comida-e-melhores-condicoes-de-trabalho-para-o-grupo/#page10> Acesso em: 12/04/2022

SLEE, Tom. Uberização: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Elefante, 2017

TAMAKI, Jillian.; TAMAKI, Mariko. Aquele Verão. São Paulo: Mino, 2019

THE INTERCEPT BRASIL. Conheça Paulo Lima, o entregador de aplicativo antifascista que organiza a categoria. Youtube, 10 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iTVhpgxH8dY&t=241s>> Acesso em: 13/11/2021

VICK, Mariana. A desigualdade paulistana durante a pandemia em 5 pontos. 21 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/10/21/A-desigualdade-paulistana-durante-a-pandemia-em-5-pontos> Acesso em: 22/06/2022

Wainer, João; OLIVEIRA, T. Roberto. Pixo. Youtube, 16 de setembro de 2014.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew>> Acesso em: 23/11/2020

ZELOKO⁵². ENCONTRO MONSTROS DO GRAU DE RUA SÃO PAULO / BAIXADA SANTISTA | CUBATÃO-SP. Youtube, 20 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p8cJ_pDq97M> Acesso em 11/05/2022